



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DANÇA**

ALDREN LINCOLN BARRETO DE ALMEIDA

**NARRAÇÕES DOS CORPOS: CONSTELAÇÕES COMO
ATUALIZAÇÕES EM DANÇA**

Salvador
2023

ALDREN LINCOLN BARRETO DE ALMEIDA

**NARRAÇÕES DOS CORPOS: CONSTELAÇÕES COMO
ATUALIZAÇÕES EM DANÇA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Dança da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Dança.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Adriana Bittencourt Machado

Salvador
2023

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA), com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ALMEIDA, Aldren Lincoln Barreto

NARRAÇÕES DOS CORPOS: CONSTELAÇÕES COMO ATUALIZAÇÕES
EM DANÇA / Aldren Lincoln Barreto ALMEIDA. --Salvador,
2023.

83 f.: il

Orientador: Adriana Bittencourt Machado.

Dissertação (Mestrado - Mestrado Acadêmico em Dança
(PPGDANÇA)) -- Universidade Federal da Bahia, Escola de Dança,
2023.

1. Dança e Experiência. 2. Narrações dos Corpos. 3. Constelação
como Atualizações em Dança. 4. Processos Artísticos Educativos. I.
Machado, Adriana Bittencourt. II. Título.

ALDREN LINCOLN BARRETO DE ALMEIDA


NARRAÇÕES DOS CORPOS: CONSTELAÇÕES COMO ATUALIZAÇÕES EM DANÇA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Dança da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Dança.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Adriana Bittencourt Machado

Aprovada em 29 de novembro de 2023.


BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **ADRIANA BITTENCOURT MACHADO**
Data: 29/07/2024 22:26:50-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Adriana Bittencourt Machado (Orientadora)

Universidade Federal da Bahia (UFBA)


Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
São Paulo, SP, Brasil Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Documento assinado digitalmente
 **MARIA DE LURDES BARROS DA PAIXAO**
Data: 29/07/2024 19:48:37-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Maria de Lourdes Barros da Paixão

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Doutora em Artes pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP/SP)

Documento assinado digitalmente
 **IARA CERQUEIRA LINHARES DE ALBUQUERQUE**
Data: 25/07/2024 13:48:15-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Iara Cerqueira Linhares de Albuquerque

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
(PUC/SP)

Salvador, 29 de novembro de 2023.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Dirani Bastos Barreto de Almeida e José Iolando de Almeida ❤️. Eles acreditam, apoiam, formam, são referências vivas para esta pesquisa e para minha vida. Amo vocês.

Meus irmãos, sobrinhos, sobrinha e cunhadas que sempre me apoiaram e acreditaram nas minhas andanças pela vida: pessoas que fazem parte da constelação de afetos e fortalecem as redes de proteção.

Agradeço à minha orientadora Adriana Bittencourt. Sabemos de todas as dificuldades, de todas as dedicações, de todos os desdobramentos e das atualizações. 🤔 Como foi importante ter você neste processo. Importante ter você nesta constelação. Sigamos atualizando.

Agradecer imensamente a Maria de Lourdes e Iara Cerqueira, estrelas que toparam participar da banca, da colaboração e da construção. Uma constelação afetiva, viva e dedicada.

Preciso agradecer a todas as pessoas professoras que passaram em minha vida. algumas dessas pessoas sempre acreditaram e outras desacreditaram: uma constelação importante para os acontecimentos. É muito complexo amadurecer, mas é lindo compreender a importância das constelações com as energias positivas e negativas: as coisas acontecem, acendem, pulsam.

Um agradecimento especial ao Grupo de Pesquisa Labzat, Dobra 01, vinculada ao Projeto de Pesquisa Imagens como Acontecimentos: mapeamentos do corpo, mapeamentos do mundo. É muito importante ter um grupo para nos apoiar e nos deixar de mão, também. 🤔🤔🤔 Grupo de pesquisa que está vivo. Grupo de pesquisa complexo e potente. Quantos aprendizados nesse constelabzat. Gratidão, Giltane Amorim, Ireno Júnior, Iara Costa, Israel Souza, Veruzya Correia, Kall Andrade, Alice Amarante e Luzia Amélia.

Aos amigos e amigas que ficam felizes com a felicidade alheia. Uhuuuulllll!!! Estou feliz com esta pesquisa. Foram muitas dificuldades e, ainda, COVID-19.

Colegas de turma de mestrado, do "papel pautado". Turma de 2020. Vocês são especiais em minha vida. Como foi bom existir e resistir com vocês nesse momento tão complexo. Nossa constelação é real. Amplio este agradecimento para Iva Marins pela revisão. 🙏

Allexandre Coutto é sentido e significado de atualização constante. Agradeço pelo incentivo, pelo acolhimento e por muitas coisas que se atualizaram e se atualizam por este encontro. ❤️

Suelma Costa é uma incentivadora, co-orientadora incrível, alimentadora de sonhos e fermentadora de vida. Mana linda. Me incentivou a escrever para o mestrado, me emprestou o projeto dela e muitos livros. Vou te devolver, viu? 🙏🙏🙏 Agradeço por acreditar e me conduzir com beleza, profissionalismo e sabedoria para uma escrita com menos medos, menos dores e menos sofrimentos.

Giltanei Amorim faz parte de muitos grupos, coletivos, trabalhos e processos de atualizações ao longo da vida. É uma pessoa que constela para todo momento. Gratidão! Que venham muitos e muitos processos pela frente para que possamos atualizar. 🙏

Agradeço imensamente aos afilhados e afilhadas. Me escutaram dizer que estava produzindo para o mestrado inúmeras vezes. Amo vocês e me atualizo com e por vocês, Lina, Noah e Vitor.

Aos amigos Darlene e Danilo por toda inspiração e cuidado com este mágico momento. Como foi bom conversar sobre constelação com vocês.

Aos colegas de trabalho que muito incentivam, acreditam e apoiam. Gratidão. Fazer parte da equipe da Fundação Cultural do Estado da Bahia (FUNCEB) foi e é extremamente importante para o desdobramento desta pesquisa. Inúmeras atualizações de vida, de pesquisa, de projeto, de profissionalismo Gratidão, Júnior Oliveira, Rose Bárbara, Luciene Munekata, Leandro Oliveira.

Agradeço a cada pessoa do BTCA, especialmente a Ana Paula Bouzas pelo acolhimento, pelo carinho e pelo cuidado comigo e com esta pesquisa.

Não posso deixar de agradecer ao Grupo X de Improvisação em Dança, Fafá, Edu O. Nei Lima, Natalia Rocha, Thiago Cohen. Quanta beleza estar com vocês e ter o privilégio de atualizar as danças e as histórias de vida com tanto afeto leve. Aproveito o X para grudar Jania Santos, Débora Motta e Estela Lappone.

Ao projeto Nunca mais Abismos, vida longa. Pessoas com quem aprendi a amar e a desenvolver as sociedades dos afetos para transformação e sobrevivência das estruturas mais lidas de coletividade, de ética e de mudanças no agir.

Existem pessoas que colaboram tanto e não vão ser citadas aqui. Não sofram por isso, venham reclamar comigo no pv, pois saberei que vocês leram os agradecimentos. Se você se sentir assim, agradeço e me desculpo por não lhe incluir, aqui 🙌🙌🙌🙌🙌

Todas as vezes que eu retornar nesta página alguém será incluído. Eu gosto de agradecer.

Só o olhar para dentro reconhece o percurso, apropriando-se dos seus sentidos. O caminho dissociado das experiências de quem o percorre é apenas uma proposta de trajeto, não um projeto, muito menos o próprio projeto de vida. O caminho está lá, mas verdadeiramente só existe quando o percorremos – e só o percorremos quando o vemos e o percebemos dentro de nós. (Rubem Alves, 2001).

Imagem 00 - Fotografia do Filme de Dança Dançando Godot, do Grupo X de Improvisação em Dança (@grupoxdeimprovisacao), realizada em Salvador, Ba - 2022



Fonte: Acervo pessoal do autor

ALMEIDA, Aldren Lincoln Barreto de. **Narrações dos Corpos**: constelações como atualizações em Dança. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Dança. Escola de Dança. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2023.

RESUMO

Esta pesquisa propõe a análise de processos artísticos/educativos desenvolvidos pelo autor em sua atuação como artista, educador e gestor cultural, utilizando as narrações das histórias de vidas como estratégia metodológica para o desenvolvimento das constelações como atualizações em dança. Entendemos que as atualizações se constituem em coletividade, de várias formas. São muitas imagens: visuais, sensoriais, táteis, textuais, verbais que se articulam tecendo constelações. As narrações se estruturam coletivamente e geram sentidos a partir dos afetos (Spinoza/Safatle), com pessoas implicadas com ética e democracia para o desenvolvimento de significados (Bittencourt Machado/Macedo/Josso) para gerar atualizações de si, de outras pessoas e atualizações de danças que ecoem para outros corpos e outros processos de ensino aprendizagem. Compreendemos que não é possível dissociar atualização de implicação, de afetos, de divergências, de problematizações e de histórias de vida. Lógico que não se trata de relatar todas as experiências dos corpos e suas vivências, mas apostar no entendimento de que o corpo que dança não está apartado dos diversos tipos de relações que estabelece. Dança com elas, as que são possíveis, e não há controle absoluto sobre isso. Para o desenvolvimento deste argumento, observamos ações específicas que aconteceram durante a pesquisa implicadas nas histórias de vidas de artistas, professoras(es), estudantes e familiares: a primeira ação foi o desenvolvimento da Revista LAMBE (2021 e 2022), que integrou a Plataforma de ações "INTERVALOS" do Grupo de Pesquisa Labzat, dobra 01, vinculada ao Projeto de Pesquisa Imagens como Acontecimentos: mapeamentos do corpo, mapeamentos do mundo e que se apresenta, aqui, como um outro tipo de configuração de dissertação. A segunda ação foi a criação da performance "Antes de dizer Adeus", com o Balé do Teatro Castro Alves (BTCA - 2022). A terceira ação é uma análise sobre a gestão pública em dança no Centro de Formação em Artes/Escola de Dança da FUNCEB (2018 a 2023). Considerando a natureza do objeto de estudo optou-se pela abordagem qualitativa, por meio da etnopesquisa-formação e das histórias de vidas implicadas no levantamento de questões necessárias para a construção da pesquisa. Constelamos para colaborar com esta discussão, autores como Roberto Sidnei Macedo, em seus estudos sobre a etnopesquisa-formação e a pesquisa com a experiência; Adriana Bittencourt (2012), em suas pesquisas sobre imagens, acontecimentos e a natureza da permanência; Marie Christine Josso (2009) e Rita de Cássia de Jesus (2010), com a formação por meio das histórias de vida e outros aportes teóricos como Jorge Larrosa (2005), Jussara Setenta (2008), Beth Rangel (2014), entre outras teóricas e outros teóricos.

Palavras-chave: Dança e Experiência. Narrações dos Corpos. Constelação como Atualizações em Dança. Processos Artísticos Educativos.

ALMEIDA, Aldren Lincoln Barreto de. BODY NARRATIONS: CONSTELLATIONS AS DANCE UPDATES. Thesis (Master's degree). School of Dance, Federal University of Bahia. Salvador, 2022.

ABSTRACT

This research proposes the analysis of artistic/educational processes developed by the author in his work as an artist, educator and cultural manager, using the narrations of life stories as a methodological strategy for the development of constellations as updates in dance. We understand that the updates constitute a collectivity, in several ways. There are many images: visual, sensory, tactile, textual, verbal that are articulated by weaving constellations. The narrations are collectively structured and generate meanings from affections (Spinoza/Safatle), with people involved with ethics and democracy for the development of meanings (Bittencourt Machado/Macedo/Josso) to generate updates of themselves, of other people and updates of dances that echo to other bodies and other teaching-learning processes. We understand that it is not possible to dissociate updating from implication, affections, divergences, problematizations and life stories. Of course, it is not about reporting all the experiences of bodies and their experiences, but betting on the understanding that the body that dances is not separated from the different types of relationships it establishes. He dances with them, as many as possible, and there is no absolute control over that. For the development of this argument, we observed specific actions that took place during the research involved in the life stories of artists, teachers, students and family members: The first action was the development of LAMBE Magazine (2021 and 2022), which integrated the Platform of actions "INTERVALOS" by the Research Group Labzat, fold 01, linked to the Research Project Images as Events: mapping of the body, mapping of the world and which is presented here as another type of dissertation configuration. The second action was the creation of the performance "Antes de dizer Adeus", with the Castro Alves Theater Ballet (BTCA - 2022). The third action is an analysis of public management in dance at the Funceb Arts Training Center/Dance School (2018 to 2023). Considering the nature of the object of study, a qualitative approach was chosen, through ethno-research-training and life stories involved in raising the questions necessary for the construction of the research. To collaborate with this discussion, we constellate authors such as Roberto Sidnei Macedo, in his studies on ethnoresearch-training and research with experience; Adriana Bittencourt (2012), in her research on images, events and the nature of permanence; Marie Christine Josso (2009) and Rita de Cássia de Jesus (2010), with training through life stories and other theoretical contributions such as Jorge Larrosa (2005), Jussara Setenta (2008), Beth Rangel (2014), among other theorists.

Keywords: Dance and Experience. Narrations of the Bodies. Constellation as Updates in Dance. Educational Artistic Processes.

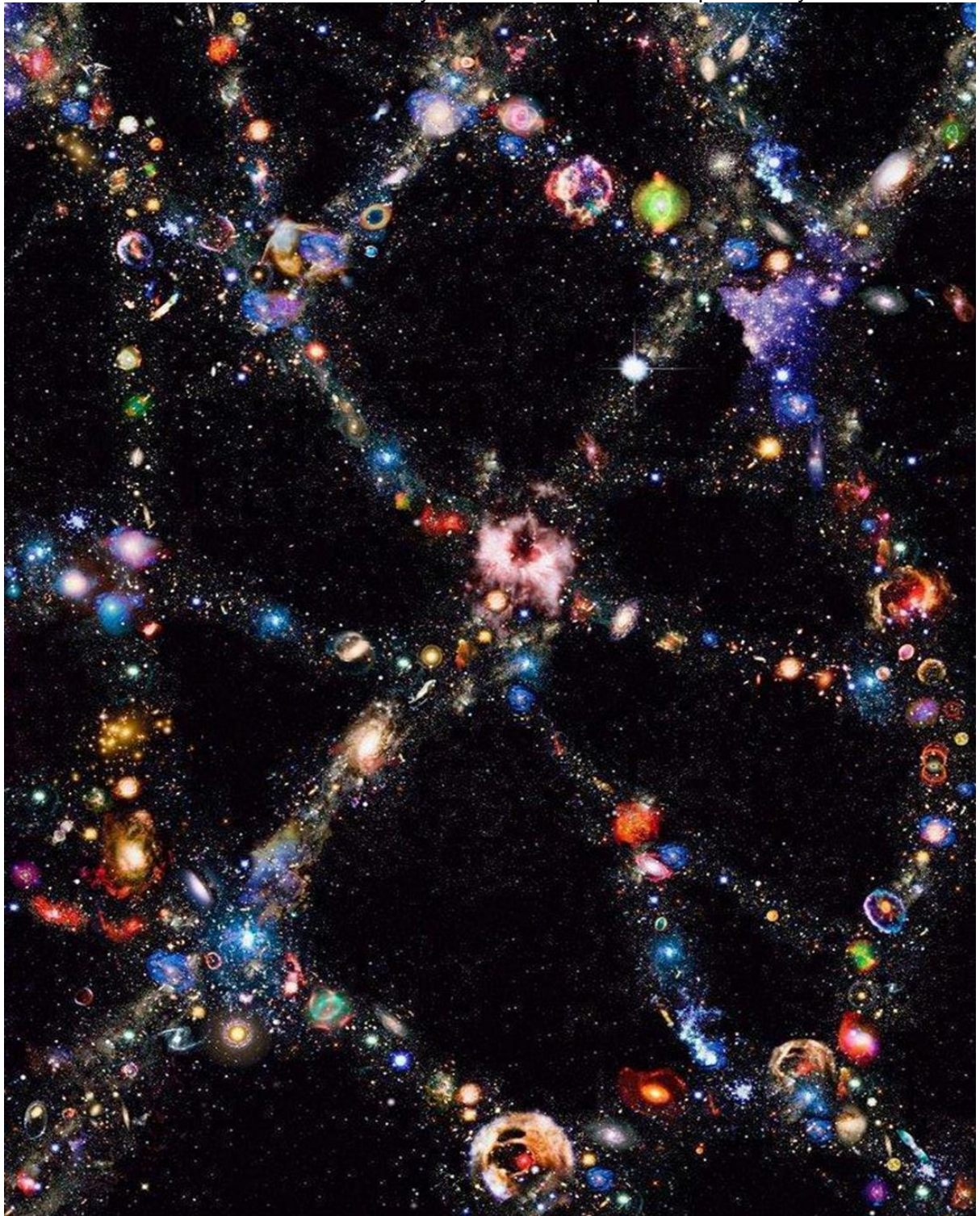
ALMEIDA, Aldren Lincoln Barreto de. NARRACIONES DEL CUERPO: CONSTELACIONES COMO ACTUALIZACIONES DE LA DANZA. Tesis (maestría). Escuela de Danza, Universidad Federal de Bahía. Salvador, 2022.

RESUMEN

Esta investigación propone el análisis de los procesos artístico-educativos desarrollados por el autor en su labor como artista, educador y gestor cultural, utilizando las narraciones de historias de vida como estrategia metodológica para el desarrollo de constelaciones como actualizaciones en la danza. Entendemos que las actualizaciones constituyen una colectividad, de varias maneras. Hay muchas imágenes: visuales, sensoriales, táctiles, textuales, verbales que se articulan entretejiendo constelaciones. Las narraciones se estructuran colectivamente y generan significados desde los afectos (Spinoza/Safatle), con personas involucradas con la ética y la democracia para la elaboración de significados (Bittencourt Machado/Macedo/Josso) para generar actualizaciones de sí mismos, de otras personas y actualizaciones de danzas que eco a otros cuerpos y otros procesos de enseñanza-aprendizaje. Entendemos que no es posible disociar actualización de implicación, afectos, divergencias, problematizaciones e historias de vida. Por supuesto, no se trata de relatar todas las vivencias de los cuerpos y sus vivencias, sino de apostar por la comprensión de que el cuerpo que baila no está desligado de los diferentes tipos de relaciones que establece. Baila con ellos, tantos como sea posible, y no hay un control absoluto sobre eso. Para el desarrollo de este argumento, observamos acciones específicas que se dieron durante la investigación involucradas en las historias de vida de artistas, docentes, estudiantes y familiares: La primera acción fue el desarrollo de la Revista LAMBE (2021 y 2022), que integró la Plataforma de acciones "INTERVALOS" del Grupo de Investigación Labzat, pliegue 01, vinculada al Proyecto de Investigación Imágenes como Eventos: mapeo del cuerpo, mapeo del mundo y que aquí se presenta como otro tipo de configuración de tesis. La segunda acción fue la creación del espectáculo "Antes de dizer Adeus", con el Ballet del Teatro Castro Alves (BTCA - 2022). La tercera acción es un análisis de la gestión pública en danza en el Centro de Formación Artística/Escuela de Danza Funceb (2018 a 2023). Considerando la naturaleza del objeto de estudio, se optó por un abordaje cualitativo, a través de etno-investigación-formación e historias de vida involucradas en plantear las preguntas necesarias para la construcción de la investigación. Para colaborar con esta discusión, constelamos a autores como Roberto Sidnei Macedo, en sus estudios sobre etnoinvestigación-formación e investigación con experiencia; Adriana Bittencourt (2012), en su investigación sobre imágenes, eventos y la naturaleza de la permanencia; Marie Christine Josso (2009) y Rita de Cássia de Jesus (2010), con formación a través de relatos de vida y otros aportes teóricos como Jorge Larrosa (2005), Jussara Setenta (2008), Beth Rangel (2014), entre otros teóricos.

Palabras llave: Danza y Experiencia. Narraciones de los Cuerpos. Constelación como actualización en la danza. Procesos Artísticos Educativos.

Imagem 01 - "Super aglomerados de galáxias. Uma teia cósmica. Um favo de mel cósmico. Recebeu o nome de Baryon Oscillation Spectroscopic Survey"



Fonte: <<https://www.smithsonianmag.com/smart-news/meet-boss-largest-structure-universe-180958378/>>.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 00	Fotografia do Filme de Dança Dançando Godot, do Grupo X de Improvisação em Dança (@grupoxdeimprovisacao), realizada em Salvador, Ba, em 2022 / 7
Imagem 01	"Super aglomerados de galáxias - Baryon Oscillation Spectroscopic Survey" / 11
Imagem 02	Primeiro desenho do autor - Ligação dos pontos / 16
Imagem 03	Fotografia do Filme de Dança Dançando Godot, do Grupo X de Improvisação em Dança (@grupoxdeimprovisacao), realizada em Salvador-Ba, em 2022 / 23
Imagem 04	Imagem da residência artística da Instalação Performativa NUNCA MAIS ABISMOS, realizada em Santo Amaro-BA / 28
Imagem 05	Aula para uma estrela na terra. Momento em que me dei conta do ensino com dança a partir das histórias de vida para atualização das metodologias, dos currículos e das nossas histórias / 32
Imagem 06	Aula no CRAS de Lauro de Freitas / 37
Imagem 07	Papo em Família. Núcleo Nordeste de Amaralina - 2029. Foto: Seu Carlos / 39
Imagem 08	Revista Lambe, ação do evento Intervalos desenvolvida na décima edição do Festival de Dança de Itacaré, 2022. Foto: Duna Dias / 40
Imagem 09	Capa da Revista Lambe V.01. Foto e Designer: Aldren Lincoln – Performance O Namorado de MMe. Lard – de Junior Oliveira / 42
Imagem 10	Página da Revista Lambe desenvolvida pela Prof. ^a Dr. ^a Adriana Bittencourt. Volume 01 – 2021, p. 14 / 43
Imagem 11	Arte gráfica desenvolvida para o primeiro INTERVALOS – 2021. Designer: Aldren Lincoln / 43
Imagem 12	Arte criada para Revista Lambe por Mab Cardoso e Marina Sarno – Berlim/Alemanha – Volume 01 - 2021, p. 27 / 45
Imagem 13	Arte criada para Revista Lambe por Aldren Lincoln e Giltanei Amorim/Salvador-Ba – Volume 01 - 2021 - p. 39 / 47
Imagem 14	Cena de ANTES DE DIZER ADEUS (2022) - BTCA Foto: Aldren Lincoln / 48
Imagem 15	Elementos utilizados no exercício com o elenco do BTCA, na Concha Acústica (2022) / 50
Imagem 16	Cena de ANTES DE DIZER ADEUS - BTCA (2022) / 52
Imagem 17	Narração de Tiffany Odara e bate-papo com o elenco do BTCA (2022) / 53
Imagem 18	Desenvolvimento de uma ação da performance ANTES DE DIZER ADEUS - BTCA (2022) / 55
Imagem 19	Cena de ANTES DE DIZER ADEUS - BTCA (2022) / 58
Imagem 20	Cena de ANTES DE DIZER ADEUS - BTCA (2022) / 59
Imagem 21	Núcleo Nordeste de Amaralina (banner e fita para a reabertura do espaço em 2018) / 59
Imagem 22	CARD de divulgação das matrículas no Núcleo Nordeste de Amaralina. Foto: Thiago Rodrigues realizada na Mostra Artística no TCA, em 2019 / 61
Imagem 23	Imagem da limpeza de aula do Núcleo Nordeste de Amaralina, após requalificação do espaço em 2018. Foto: Mano / 63
Imagem 24	Apresentação na Escola Municipal Zulmira Torres, 2019 / 65
Imagem 25	CARD de implantação do Núcleo de Extensão LEM, 2018. Designer: ASCOM do município de Luís Eduardo Magalhães. Imagem de Banco de Dados da Prefeitura / 67

- Imagem 26** Representantes da Funceb SecultBA e do município de LEM no evento de implantação do Núcleo de Extensão da Escola de Dança da Funceb em LEM – 2018 -. Foto: Acervo da Prefeitura de LEM / 68
- Imagem 27** Mostra Artística do Núcleo Lauro de Freitas-Ba e professores do Núcleo LEM – 2018 / 69
- Imagem 28** Aula da professora Tariana Costa no Núcleo Nordeste de Amaralina, Salvador-Ba – 2019 / 70
- Imagem 29** Estudo para Vermelho - performance de Nei Lima, 2022 / 71
- Imagem 30** Máquina de Moer Pimenta - performance de Nei Lima, 2022 / 73
- Imagem 31** Aula de Balé Clássico no Núcleo Nordeste de Amaralina com crianças entre 7 e 9 anos de idade / 78

LISTA E ABREVIATURA DE SIGLAS

BTCA	Balé do Teatro Castro Alves
DIMAS	Diretoria de Música e Artes Cênicas
FGM	Fundação Gregório de Matos
FUNCEB	Fundação Cultural do Estado da Bahia
GDC	Grupo de Dança Contemporânea
GED	Grupo Experimental de Dança
ONG	Organização Não-Governamental
PPGDANÇA	Programa de Pós-Graduação em Dança
SECULT	Secretaria de Cultura
TCA	Teatro Castro Alves
UFBA	Universidade Federal da Bahia
ASIHVIF	Associação Internacional de Histórias de Vida em Treinamento
SecultBA	Secretaria de Cultura do Estado da Bahia
LEM	Luís Eduardo Magalhães
REDA	Regime Especial de Direito Administrativo

SUMÁRIO

RESUMO	8
ABSTRACT	9
RESUMEN	10
LISTA DE IMAGENS	12
1 EXPERIÊNCIA——CONSTELAÇÃO	16
2 PONTOS ESTRATÉGICOS: CONSTELAÇÕES E NARRAÇÕES	22
3 CONSTELAÇÃO——EXPERIÊNCIA	27
3.1 CAMPOS FORMADORES DE AFETOS: CONSTELAÇÃO COMO REALIDADE	32
4 REVISTA——LAMBE——ATUALIZAÇÕES EM DANÇA	39
4.1 ANTES DE DIZER ADEUS	47
4.2 O—NÚCLEO,—A——CONSTELAÇÃO—E—A—DANÇA	58
5 CONSTELAÇÃO——EXPERIÊNCIA——ATUALIZAÇÃO——SOBREVIVÊNCIA	70
6 CONSTELAÇÃO——BIBLIOGRÁFICA	77
REFERÊNCIAS	78

Imagem 02 - Arte criada para instalação NUNCA MAIS ABISMOS, realizada em Braunschweig, Alemanha, 2022. Fotos e Arte Gráfica: Aldren Lincoln

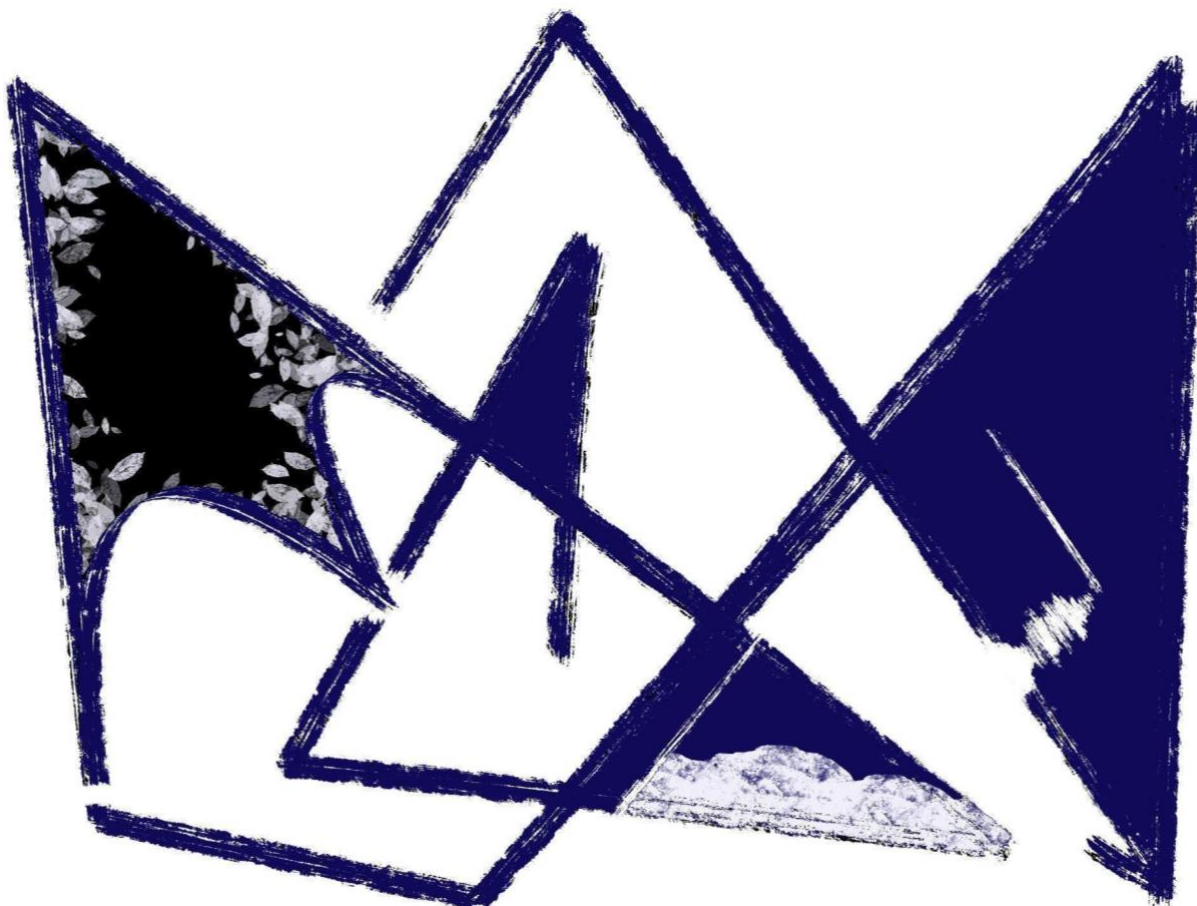


Fonte: Acervo pessoal do autor

1 EXPERIÊNCIA———CONSTELAÇÃO

O ato criador perpassa o mundo da vida em todas as suas direções e sentidos. A natureza cósmica é criadora e, por isso, é criada continuamente enquanto duração de sistemas inteligentes em movimento transformativo (Dante Galeffi, 2014).

Imagem 03 - Primeiro desenho do autor - set. de 2022 - Ligação dos pontos. Uma linha pode esconder e/ou conectar pontos.



Fonte: Acervo pessoal do autor

Com licença!

A movimentação por esta pesquisa iniciou com o céu totalmente nublado. Os jornais, as redes sociais e todos os meios de comunicação repetiam, incansavelmente, os muitos números que representavam pessoas, familiares, amigos e amigas que morreram por causa da COVID-19¹. Não abordarei sobre o descaso, o genocídio, a incompetência, toda falta de cuidado, compaixão, profissionalismo, ética, vida e tudo que o antigoverno e seu líder inescrupuloso proporcionaram durante o período de pandemia e todo período de permanência nos cargos.

¹ O coronavírus (COVID-19) é uma doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2.

Aos poucos, juntamente com minha orientadora Adriana Bittencourt², com professores/professoras, amigas/es/os e colegas de turma, as imagens da pesquisa foram se conectando com os ambientes, com os corpos, com os conceitos e começaram a se comprometer e a apresentar sentidos e significados de sobrevivência. "A permanência surge como uma condição indispensável para que sistemas e ambientes consigam se comunicar e, assim, colaborar para a evolução do Universo." (Bittencourt, 2001, p. 06).

Um ponto especial, para compreensão do termo constelação, foi marcado com as professoras Paola Berenstein Jacques e Margareth da Silva Pereira³. Os pontos nebulosos do pensamento foram revelando modos de ver curvas e dobras das minhas histórias de vida, dos meus modos de "pensar processos autobiográficos", pensar processos de criação, de formação e de gestão pública. Pontos de conexão com o livro "Nebulosas do Pensamento Urbanístico - Tomo I - Modos de Pensar"⁴, que me aproximaram da pesquisa da professora Rita Velloso⁵.

Meu corpo reverbera encantamento ao olhar para o céu estrelado e apontar as três Marias (Cinturão de Órion), o Cruzeiro do Sul e realizar conexões com outras estrelas, com outros meteoros ou com outros corpos na abóbada celeste - espaço do céu que se enxerga da terra. As singularidades e subjetividades que se apresentam no momento de conectar um ponto ao outro acontecem como um agir poético e criativo, entre os muitos fragmentos e "vazios", entre as divergências e confluências, entre as sensibilidades e os sentidos como estratégias para constelação. As constelações não são inatingíveis, são auto-organizações de narrações dos corpos onde as narrações geram constelações. para Rita Velloso, "a constelação é uma estratégia de pensamento de grande valia: permite pensar por extremos, desde os fragmentos, enfrentando a descontinuidade ou o vazio como algo incontornável no esforço do conceito." (Velloso, 2018, p. 102-103).

Pensar por constelações, balizado nas narrações das histórias de vida, nos possibilita relacionar ações/experiências de momentos específicos das nossas histórias, de processos formativos iniciais, de diferentes fases da vida, diferentes

² Professora da Escola de Dança da UFBA, pesquisadora do PPGDança e do PPGDC (UFBA)

³ Professoras da disciplina optativa Memória, Narração e História, ofertada em arquitetura pelo PPGAU/UFBA (2020)

⁴ Livros desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa Laboratórios Urbanos, do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da UFBA.

⁵ Arquiteta, filósofa, pesquisadora, professora e vice-diretora da Escola de Arquitetura e Design da UFMG

grupos sociais, de vivências distantes, como estratégias de conexão para os universos da pesquisa: esses processos geram atualizações continuamente. Mesmo porque a condição da emergência de novas estruturas se apresenta como atualização. As novas organizações são atualizações em fluxo, assim como as atualizações em dança: são constituídas também pelos processos de subjetivação.

Todo ambiente sociocultural é feito de um conjunto dinâmico de universos. Tais universos afetam as subjetividades, traduzindo-se como sensações que mobilizam um investimento de desejo em diferentes graus de intensidade. Relações se estabelecem entre as várias sensações que vibram na subjetividade a cada momento, formando constelações de forças cambiantes (Rolnik, 1996. p. 7).

Constelação também é pensada nesta pesquisa a partir das suas manifestações nas obras de Walter Benjamin (1892-1940), com o texto "Questões introdutórias de crítica do conhecimento", em teses, notas e textos nas suas diversas fases. Para Benjamin, constelação é uma imagem, é uma linha imaginária que marca uma estrela a outra. É perceber os sentidos e significados que surgem nas conexões entre corpos. Podemos perceber essa linha imaginária que conecta os corpos como imagens consteladas. Adriana Bittencourt, em seu livro "Imagens como acontecimentos: dispositivos do corpo, dispositivos da dança" (2012), nos possibilita compreender que imagens são modos de organização, fluxos de acontecimentos, níveis complexos de ações maleáveis e transitórias de percepções; imagem é corpo. Portanto, imagens são corpos. Imagens são corpes. Imagens são corpas e esses corpos constelados geram atualizações.

Estamos falando de um corpo que problematiza os seus relacionamentos com o ambiente e busca soluções no próprio mover-se" (Gladistoni, 2008, p. 10). Corpos que se conectam por narrações de vidas nas suas múltiplas relações de afetos, em seus mais variados espaços de atuação, em seus diversos níveis de afecção⁶ e seus acordos mais complexos na potência do existir. Corpos que buscam soluções para atualizar suas histórias e as histórias de outras pessoas, para atualizar as suas danças e as danças de outras pessoas, pois vivenciamos um "momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, inclusão e exclusão" (Bhabha, 1998).

⁶ Termo apresentado pelo filósofo Spinoza para designar a ação de um corpo com outro. "sendo corpo tudo aquilo capaz de entrar em relação". O conhecimento só pode ser compreendido à medida que se realiza a união entre os afetos e a natureza. (trechos da internet)

Abriremos um espaço para compreensão dos afetos, das suas complexidades e potências para que possamos chegar mais à diante com uma percepção ampliada para constelações experiências. É fato que o filósofo Holandês Baruch de Espinosa, no século XVII, transgrediu os modos de se pensar sobre afetos, paixões, sentimentos e ações entre os seres humanos. Espinosa é importante até os dias atuais quando o assunto permeia os afetos, sobre a unidade do corpo humano, a não separação entre corpo e mente, entre alma e espírito. Espinosa define, em seu livro "Ética demonstrada à maneira dos geômetras (1677)", na terceira parte, "A Origem e a Natureza dos Afetos" que afetos são alterações, manifestações, estados do corpo. Essas "afecções" alteram o agir do corpo, distorcendo, reforçando, potencializando ou minimizando as ações. Para Espinosa existem três afetos primários que são o desejo, a alegria e a tristeza, a partir desses afetos advém o amor, o ódio, a esperança, o medo, a inveja e outros afetos. Subvertendo o pensamento dominante da sua época, afirma que existem múltiplas possibilidades que resultam das relações entre afetos e afecções, entre conflitos, acordos e lógicas possíveis de atualizações. Espinosa atualizou as suas histórias e as histórias de outras pessoas: encontrou um modo de permanecer.

O primeiro traço de constelação de afeto surgiu nesta pesquisa com Rita Velloso através da obra "Urbano-Constelação", que reúne ensaios sobre como pensar a arquitetura e o urbano com a filosofia "para o raciocínio sobre compreender os lugares nos quais é possível produzi-la e as experiências que tais lugares admitem." (Velloso, 2022, p. 9) Os muitos pontos e linhas que cada pessoa imprime em suas camadas relacionais entre as cidades e suas histórias de vida darão acesso a questionamentos, sentimentos e sentidos que atravessam essas pessoas, seja filosófico, político, arquitetônico, religioso, ancestral, sentimental, traumático etc. Cada pessoa lembrará de uma cidade específica e cada cidade contará histórias específicas que envolvem pessoas singulares e plurais, possibilitando o desenvolvimento de estratégias de auto-organizações metodológicas para se pensar atualizações em dança a partir das narrações dos corpos.

Ao narrá-la, o sujeito estabelece os vínculos entre o que tem da sua singularidade, daquilo que é irrepetível e que constitui a sua identidade e tudo o mais que é a sua herança cultural, familiar, histórica, social (Jesus, 2010, p. 21).

Ao narrar suas histórias, as pessoas descrevem suas experiências, suas memórias, suas lutas diárias, suas dores, suas batalhas, seus abismos, suas paixões e fazem ecoar suas ações como ecos formativos: identidades que se atualizam. A

palavra eco origina-se do latim *echo* e este, do grego *eko* (som). É a reverberação de um som que se dá como ondas sonoras. Pensamos por conexão das narrações e dos ecos das experiências de vida como processos formativos para outras pessoas, proporcionando ondas de ecos narrativos contínuos que se propagam como constelações. Ecoar as experiências de vida, através das narrações, contribui para atualizações das histórias de vida de outras pessoas, contribui para atualizações dos processos criativos em dança e contribui para atualizações nos processos de ensino aprendizagem.

Nos constelamos com a professora Rita de Jesus⁷, como uma referência mais próxima de experimentos e pesquisas compartilhadas, para pensarmos os processos de formação por meio da narração dos corpos. A partir da abordagem metodológica das "histórias de vida e formação" apresentada em 2007 na sua tese de doutorado, Rita de Jesus representa, para constelação desta pesquisa, uma atualização dos processos de pesquisa/ensino/aprendizado com "histórias de vida". E que sem dúvida esta conexão nos impulsiona a propor novos modos de articulação de sentidos e significados, novos modos de articulações para se pensar processos formativos/criativos em/com dança.

Existe um ponto curioso na pesquisa de Rita de Jesus que ecoa para esta pesquisa: a sua preocupação sobre o ufanismo⁸ do indivíduo que conta sua própria história. Esse ponto merece uma análise crítica, mais profunda sobre os processos das narrações dos corpos, uma vez que ao rememorar suas histórias as pessoas assumem a responsabilidade sobre os sentidos e significados existentes em suas palavras. É necessário ter cuidado ao analisar as experiências de vida para compartilhar os fatos. Toda narração gera ecos formativos no universo da pesquisa.

A narração não é apenas o instrumento da formação, a linguagem na qual esta se expressaria: a narração é o lugar no qual o indivíduo toma forma, no qual ele elabora e experimenta a história de sua vida. (Delory-Momberger, 2008, p. 56).

Essas estratégias de constelação nos conduzem de um ponto para outro ponto e de uma história para outra história para que possamos nos afetar com as narrações dos corpos, com os questionamentos e com as provocações sobre e a partir

⁷ Professora Dr.^a em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), no Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (CECULT), Santo Amaro.

⁸ Atitude de quem se orgulha de alguma coisa com exagero; patriotismo excessivo.

das nossas histórias, sobre e a partir das histórias das outras pessoas, gerando e potencializando sentidos que são estabelecidos com as projeções de si e das outras pessoas para atualizações de futuras histórias de vida. Atualizações de futuras histórias das danças.

Cuidadosamente, identificamos alguns pontos estratégicos que se manifestaram durante a pesquisa, mas estão desgarrados da intenção de criar limites finitos, verdades ou linhas condutoras de promessas fáceis para se alcançar objetivos comuns/coletivos, até porque o compartilhamento desta pesquisa segue por outras trilhas e pensamentos, subjetividades, singularidades, éticas e afetividades. Pensar os processos formativos a partir das histórias e com as histórias de vida necessita de muita sensibilidade para que cada pessoa possa se lançar no acontecimento constelar e potencializar os cruzamentos entre e com as histórias de outras pessoas, entre e com as danças de outras pessoas.

Este enunciado tem especial relevância e se organiza nos encontros de afetos estabelecidos com as pessoas autoras que constelamos, nas trocas com minha orientadora, no cuidado colaborativo com as pessoas que compõem a banca examinadora e com todas as pessoas pesquisadoras que aqui estão consteladas: A constelação é e gera acontecimentos... são muitas pessoas, são muitas relações.

2 PONTOS ESTRATÉGICOS: CONSTELAÇÕES E NARRAÇÕES

O sujeito se reconhece e é reconhecido pelo mundo, compartilhando o sentimento de pertencimento. Ele respeita a si mesmo, se reconhece, se pertence, portanto, posiciona-se (Brandão, 2014).

Imagem 03 - Fotografia do Filme de Dança Dançando Godot, do Grupo X de Improvisação em Dança (@grupoxdeimprovisacao), realizada em Salvador-Ba, em 2022. Imagem de Aldren Lincoln.



Fonte: Acervo pessoal do autor

Durante a construção da pesquisa, fomos estabelecendo um modo de organização que nos proporcionou a ligação dos pontos estratégicos, que emergiram nos processos de pesquisa, de modo fluido/orgânico para nossa compreensão dos sentidos que ecoavam das histórias de vida, dos sentimentos e das relações que se estabeleciam com as singularidades e pluralidades das pessoas envolvidas e com o desejo de gerar significados para atualizações e sobrevivências das histórias formativas, dos ecos formativos. Seguimos apaixonados pela dança que se apresentou com os pontos que estrategicamente se configuraram, mas cabe a pessoa leitora realizar a organização que lhe possibilite os sentidos e significados necessários para sua compreensão. Inclusive as que não estão aqui:

- Implicar-se e disponibilizar-se para a constelação;
- Ter paciência para escutar as histórias das outras pessoas;
- Entender a noção de temporalidade como um fluxo necessário de cada narração;

- Respeitar o processamento das emoções e dos afetos gerados pela narração;
- Analisar constantemente as narrações e as conexões desenvolvidas e que possam se estabelecer entre o que é narrado e as suas histórias de vida;
- Respeitar as "errâncias" das pessoas e atualizá-las com outros modos de percepções, aprendizagens e saberes;
- Pensar sobre os objetivos da constelação que possam atualizar a sua própria narração em um devir constante;

"Os padrões têm suas formas de organização [...]. Como sistema aberto, a aleatoriedade está presente na produção de padrões e formas de pensamento do corpo. E, assim, os padrões são modificados e evoluem" (Bittencourt 2012, p. 67). É preciso permitir-se a olhar diferente, permitir-se a "repetir" com deslocamento do ponto de vista, permitir-se sair do conforto da temperatura do próprio corpo e das estruturas conceituais/epistêmicas/dominadoras para que possam surgir outras maneiras de observar e observar-se, de analisar e analisar-se. Os acordos estabelecidos como pontos estratégicos são intencionais na tentativa de manter o movimento contínuo.

Os pontos estratégicos estabelecidos são como imagens que se repetem para a sobrevivência das histórias. Imagens suscetíveis a mudanças que se configuram como pontos iniciais para as implicações com as narrações. "A história de vida pode se configurar, portanto, em uma análise do processo de formação profissional" (Nascimento, 2010, p. 26).

Realizamos uma conexão entre Rita de Jesus e Vladimir Safatle⁹ para lançarmos possibilidades entre a filosofia e as subjetividades das histórias de vida e formação para transformações efetivas de si. Em seu livro "O circuito dos afetos: Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo", Safatle (2020) propõe modificações nas estruturas dos sujeitos para efetivas transformações políticas nos circuitos dos afetos. E compreensão de que os modos de narrações sejam individuais ou coletivos, para serem transformados, necessitam se fazer sentir e se fazer afetar para instaurar "novas corporeidades e formas de ser".

[...] compreender o modelo de individualização que tais corpos produzem, a forma como ele nos implica. Se quisermos mudá-lo, será necessário começar por se perguntar como podemos ser afetados de

⁹ Filósofo, escritor e músico brasileiro. É professor titular da cadeira de Teoria das Ciências Humanas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

outra forma, será necessário estar disposto a ser individualizado de outra maneira, a forçar a produção de outros circuitos (Safatle, 2020, p.15).

A constelação proporciona compreensão, transformação e produção de outros modos de perceber os afetos e se perceber entre afetos: produção de outros discursos de atualização e produção de outras danças. Não são só as maneiras que definem os novos discursos, mas as implicações e disposições das pessoas envolvidas que permitem potencializar o poder de formação. Rita de Jesus e Safatle nos apresentam possibilidades conectivas entre sociedades, afetos, relações, individualidades e subjetividades que constelam as existências dos corpos que fazem parte do todo, parte da sociedade, parte do mesmo corpo político.

Dessa conexão, compreendemos que para potencializar os processos formativos e suas atualizações faz-se necessário compreender os modos como se configuram as narrações das suas histórias e das histórias de outras pessoas, e os modos como se configuram seus circuitos de afetos que potencializam outras configurações possíveis de continuidade a exemplo, do desenvolvimento de processos educativos/criativos em dança centrados nos afetos formativos com e a partir das realidades das pessoas participantes para percepção de sentidos e significados, que necessitam de atualizações durante a constelação para organização de novos sentidos e significados em colaboração. É preciso que sejam democráticos, éticos, críticos, documentados e colocados em prática.

A sensibilidade percebida nos escritos de Safatle nos proporciona compreender que a continuidade dos ecos das histórias de vidas se torna possível através das relações sociais que se transformam e se abrem para produções de modos singulares de vidas, para fazer circular os afetos e agenciar a partir de perspectivas críticas, novas percepções e efeitos que busquem analisar os circuitos de afetos produzidos com coesão: ecos de sociedades e circuitos de afetos singulares para compreensão do devir.

O compartilhar das experiências institui as pessoas narradoras como autoras das suas próprias histórias e responsáveis pelos ecos que espalham, entendendo que na constelação as histórias estão coimplicadas. Diante dos processos de constelação desenvolvidos ao longo da pesquisa, percebemos que algumas linhas que se cruzam com as histórias de vida de outras pessoas se fizeram gatilhos geradores de diversos

sentimentos, mas especificamente geradoras de sofrimentos, tanto para as pessoas que narram, quanto para as pessoas que escutam.

A partir desses gatilhos foi possível desenvolver outros circuitos de afetos e pontos estratégicos para analisar essas afecções com extrema cautela, a fim de evitarmos que as constelações desabassem e levassem com elas as sociedades que elas mesmas criaram. Foram necessários exercícios de desapegos aos modelos que instauram hierarquias verticalizadas e colonizadoras e adotar entendimentos de conexões de pontos narrativos como constelações potencialmente geradoras de mediações e saberes. Eis que assim, podemos atualizar o pensamento/ação, a percepção/ação e a dança/ação.

A colocação em comum de questões, preocupações e inquietações, explicitadas graças ao trabalho individual e coletivo sobre a narração de cada participante, permite que as pessoas em formação saiam do isolamento e comecem a refletir sobre a possibilidade de desenvolver novos recursos, estratégias e solidariedades que estão por descobrir ou inventar (Josso, 2004, p. 415).

Pensar narrações dos corpos para o desenvolvimento de campos formadores de afetos possíveis, que projetam composição e reestruturação de currículos em/com/para dança nos contextos da formação inicial ou continuada, precisam ser acordos constantes e em moventes transformações para pensar e agir em/com atualizações em/para dança. As narrações imprimem modos de existências que se atualizam e atualizam modos de pensar e estar no mundo. Elas atualizam o passado e projetam os devires pelas particularidades, mas que em conjunto tecem constelações de sentidos, de corpos e de danças. Pensar em narrações como constelações desobriga pensar em um método único, fixo, mas aposta na possibilidade como potência de criação e de integralidade. São inúmeras referências, dizeres, pessoas que se movimentam e dançam.

A originalidade da metodologia de pesquisa-formação em História de Vida situa-se em primeiro lugar, em nossa constante preocupação com que os autores de narrativas consigam atingir uma produção de conhecimentos que tenham sentido para eles e que eles próprios se inscrevam num projeto de conhecimentos que os institua como sujeitos (Josso, 2004, p. 25).

É o que estamos a chamar de experiência constelação. Nela, as narrações das histórias de vidas são mediadoras das relações entre as pessoas com a pesquisa e, ao mesmo tempo, são substâncias para os significados e sentidos que estão por inventar novas histórias com dança; novas histórias que dançam. Todavia, para além

do que se apresenta como devir criativo, a constelação é onde todos os acontecimentos se destacam.

3 CONSTELAÇÃO ————— EXPERIÊNCIA

As atuações no coletivo se singularizam nas reflexões críticas que promovem sobre os diferentes modos de fazer-dizer (Setenta, 2008).

Imagem 04 - Imagem da residência artística da Instalação Performativa NUNCA MAIS ABISMOS, realizada em Santo Amaro-BA (2022. Foto: Aldren Lincoln.



Fonte: Acervo pessoal do autor

Se alguma coisa nos anima a escrever é a possibilidade de que esse ato de escritura, essa experiência em palavras, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa diferentes do que vimos sendo (Larrosa, 2019).

Buscamos, a partir das histórias de vidas, implicar as pessoas participantes com outras maneiras de leituras e narrações de si, leituras e narrações de outras pessoas, leituras e narrações dos processos formativos que compreendem as realidades ao redor de cada história e produz novas possibilidades de atualizações e sobrevivências.

Eis que surge a linha conectiva sobre minhas experiências com esta pesquisa e com o Programa de Pós-Graduação em Dança (PPGDança) da universidade Federal da Bahia (UFBA), que colabora para compreensão das muitas singularidades, acontecimentos e realidades para organização dos saberes e fazeres aqui propostos.

Durante meu percurso nesta pesquisa para o mestrado, fiz exercícios de "pensar sobre as experiências" que atravessaram e atravessam minhas ações formativas como professor, pesquisador e artista. Ao fazê-lo, através desta prática reflexiva, percebi que as trilhas de constelação das minhas histórias formativas se conectam diante das oportunidades de sobrevivência com histórias e saberes de muitas outras pessoas, familiares, professores e professoras, amigos e amigas e pessoas estudantes em suas diversas atuações ao longo da vida. Pessoas que vivenciaram práticas educativas semelhantes em diversas realidades (ONGs, escolas da rede pública e privada de ensino e projetos sociais e artísticos). E, a partir dessas experiências e dos seus ecos, pude reconhecer-me implicado e disposto a trabalhar com a dança para atualizações das minhas histórias de vida e das histórias de outras pessoas.

Destaco um ponto importantíssimo que marcou minha história de vida e que define o momento em que minha atuação com o ensino aprendido em/com dança se conectou e gerou sentidos diversos com a pesquisa a partir da narração das histórias de vidas. Não falarei sobre o sol ou a chuva. Não ficarão evidentes os festivais de música, as peças de teatro, as aulas de campo e as poesias criadas com as turmas. As constelações experiências que me fizeram perceber as conexões de afetos para atualização das minhas histórias, dos meus ecos e das relações com as pessoas, com as comunidades, com os métodos e com os currículos se manifestam pelas histórias de violências, de dores e pelas dificuldades presentes nas salas de aulas, nas instituições de ensino e nos corpos que ali estavam.

Quando a educação é a prática da liberdade, os alunos não são os únicos chamados a partilhar, a confessar. A pedagogia engajada não busca simplesmente fortalecer e capacitar os alunos. Toda sala de aula em que for aplicado um modelo holístico de aprendizado será também um local de crescimento para o professor, que será fortalecido e capacitado por esse processo. Esse fortalecimento não ocorrerá se nos recusarmos a nos abrir ao mesmo tempo em que encorajamos os alunos a correr riscos (hooks, 2017, p. 35).

Durante o período que estive como professor de dança no Projeto Crescer, localizado no bairro Lagoa dos Patos, no município de Lauro de Freitas-Ba, entre 2012 e 2014, inúmeras inquietações se apresentaram no trabalho individual e coletivo com as histórias de vida das pessoas estudantes, das pessoas colaboradoras, das pessoas professoras e das pessoas familiares. As turmas eram compostas por crianças e adolescentes entre seis e dezessete anos de idade. Crianças que viviam em situações de vulnerabilidade social - cada pessoa carregava consigo diversas marcas formativas (familiares, políticas, econômicas, sociais e culturais). Marcas de uma educação colonizadora.

Crianças com inúmeras cicatrizes de violências expostas em seus corpos, em seus modos de brincar, em suas narrações e nos seus abraços. Ali, nos corpos das pessoas mais novas até as mais velhas existia uma linha tênue e frágil entre violências e afetos, cuidado e solidariedade, amor e controle. A sutileza e a doçura de uma criança ao narrar por entre o sorriso tímido e emocionado, a oportunidade de continuar vivo depois de uma violência é de uma força inexplicável e, ao mesmo tempo, a partir dessa oportunidade que a vida lhe concede já determina a força que essa criança precisa assumir para continuar sobrevivendo.

Lembrando desse passado, o que mais me toca era nosso compromisso apaixonado com uma visão de transformação social baseada na crença fundamental numa ideia radicalmente democrática de liberdade e justiça para todos (hooks, 2017, p. 41).

"Tenho projéteis alojados no corpo", contava a criança de dez anos de idade, que chegava a comemorar como um troféu que lhe garantia uma vantagem em relação à morte. Esta mesma criança cuidava das suas irmãs mais novas, uma de cinco e a outra de três anos de idade. Muitas violências atravessavam aqueles corpos cotidianamente.

Essas crianças passavam por mim, no turno oposto ao trabalho, montados em uma carroça, puxada por um cavalo branco com aparência oposta daqueles saudáveis que passam na televisão, nos filmes e que existem nas histórias, contos e

fábulas. O garoto guiava a carroça e ajudava a catar materiais recicláveis para sobrevivência da família, dos vícios da família e do seu amor por suas irmãs. Diziam que aquele corpo não sentia mais dor, mas a realidade era que aquele corpo precisava se fortalecer para resistir às muitas dores que o atravessavam cotidianamente para continuar existindo. Todos os lugares do seu corpo que ficavam expostos tinham cicatrizes. Todas as quedas, os saltos, os pulos, os giros e arremessos eram comemorados com muito sorriso e pedidos de repetição. "Não machuca", dizia o garoto de sorriso banguelo, com muco ressecado nas narinas, algumas feridas abertas no corpo e as unhas sujas.

É necessário agir por um viés de esperança, por uma "pedagogia libertadora" e emancipatória para que o aprendizado com e pela arte se torne um acontecimento nos corpos, um acontecimento de mudança, de respiro, e, portanto, de transformação das realidades. "à visão da educação libertadora que liga a vontade de saber à vontade de vir a ser." (hooks, 2017, p. 32). Assim como é perceptível a vulnerabilidade dos muitos corpos, cabe no processo artístico pedagógico a percepção do corpo que está disponível para vivenciar os cinquenta minutos de dança que podem gerar, e geram, discursos de atualização das esperanças de futuros para além das realidades do agora como resistência, transgressão e potência de vida, para além de doutrinar.

É uma dança que esgarça, que implode sem se assemelhar ao que se dá a ver como ideia de manifestação fenomenológica e de identidade visível. Não é a autoria panfletária que está em jogo, mas a vulnerabilidade como algo onde o corpo sempre está incipiente e jamais na completude. E assim, se faz no risco... (Silva Júnior, 2019, p. 36)

Durante um período ministrei aulas para este garoto, antes da aula para a turma, pois não suportava ver aquele corpo em pé, de castigo, encostado na parede, durante horas, todos os dias que eu estava ali. Conversamos com a psicóloga da unidade que reconheceu a melhora no comportamento da criança. A aula de dança era o momento em que a realidade daquele garoto era modificada e o aceitava pelo que ele era, nas suas condições, nas suas singularidades, nas suas limitações e nas suas potencialidades.

As aulas eram gravadas para acompanhamento pedagógico/psicológico. Rever as imagens para planejar as próximas atividades era sempre uma atualização das minhas metodologias e dos meus procedimentos, das relações e das histórias de vida. Alguns anos depois, já não trabalhava mais na unidade e soube que aquele corpo

começou a trabalhar como estagiário para os traficantes de drogas da comunidade e sua história se somou ao de tantas outras crianças que viraram e viram dados das violências.

Imagem 05 - Aula para uma estrela na terra. Momento em que me dei conta do ensino com dança a partir das histórias de vida para atualização das metodologias, dos currículos e das nossas histórias. Foto: Aldren Lincoln



Fonte: Acervo pessoal do autor

Aproximamos para este momento de constelação experiência uma pesquisadora que é referência para as pesquisas com e a partir das histórias de vida e que colabora ricamente para análise e compreensão das experiências de vida como ações formativas, criativas e inventivas geradoras de atualizações. Conectamos Marie-Christine Josso¹⁰, fundadora, juntamente com Gaston Peneau¹¹, da Associação Internacional de Histórias de Vida em Formação e Pesquisa em Educação (ASIHVIF)¹², através de sua obra "Experiências de Vida e Formação", publicada pela Editora Cortez, em 2002. Josso ficou conhecida no Brasil por trazer inovação para os processos de formação de professores ao considerar as histórias de vida para além do profissional.

¹⁰ Socióloga, antropóloga, Dra. em Ciências da Educação e professora na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Genebra.

¹¹ Gaston Pineau é Doutorado em Letras e Ciências Humanas pela Universidade de Tours, França. Também é Doutorado de 3º ciclo em Ciências da Educação, pela Universidade René Descartes, Paris - Sorbonne. É professor titular em Ciências da Educação (opção de educação de adultos) na Universidade de Reims-Metz em França.

¹² Associação internacional das Histórias de Vida em Formação e de Pesquisa Biográfica em Educação", ASIHVIF, criada em 1991, mas idealizada no início dos anos 80. Para mais informações acessar: <<http://www.asihvif.com/>>. Aqui no Brasil, existe a Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica (Biograph) criada em 2008, com sede em Salvador-Ba, a Associação Brasileira de Pesquisa (auto)biográfica seccional Região Norte, Universidade do Estado do Amazonas e outras.

Destacamos três modalidades (Josso, 2010, p. 51) que julgamos fundamentais para compreensão da constelação experiência e o desenvolvimento de estratégias para analisarmos as experiências de vida:

- 1 - "Ter experiência" é viver situações e acontecimentos, durante a vida, que se tornaram significativos, mas sem tê-los provocado;
- 2 - "Fazer experiências" são as vivências de situações e acontecimentos que nós próprios provocamos, isto é, somos nós mesmos que criamos, de propósito, as situações para fazer experiências;
- 3 - "pensar sobre as experiências" tanto aquelas que tivemos sem procurá-las (modalidade 1) quanto as que nós mesmos criamos (modalidade 2).

A conexão entre a metodologia de "pesquisa-formação em história de Vida" e a produção dos circuitos de afetos é um ponto estratégico para pensarmos nas análises críticas e nas produções de sentidos em relação aos afetos e contextos da vida de cada pessoa, para organizarmos estratégias de mediação e construção potencial de conhecimentos sobre as histórias e experiências.

3.1 CAMPOS FORMADORES DE AFETOS: CONSTELAÇÃO COMO REALIDADE.

Não há formação sem desejo. Não há formação sem experiência da falta, da perda. A dinâmica desejante é extremamente complexa na medida em que atualiza processos psicossociais complexos, até porque, desejo e inconsciente são condições humanas imbricadas (Macedo, 2014, p. 67).

Chamamos de **Campos Formadores de Afetos** os pontos estratégicos onde se estabelecem novas conexões organizativas com as análises críticas e sentidos que emergiram das narrações das histórias de vidas e dos exercícios de análise de si, a partir das realidades que compõem e representam o mundo social.

Os campos formadores de afetos se desenvolvem durante o próprio acontecimento da constelação. No desenvolvimento dos processos educativos e de afecção que compromete cada pessoa que se afetou e/ou foi afetada pelas histórias de vidas e se implicaram com os novos comportamentos e acordos de atualizações das escritas das suas histórias e dos novos lugares de narração dos seus movimentos formativos: é o encontro mediado por estratégias de constelação experiência que movimenta e transforma os "circuitos de afetos" para atualizar as implicações de cada pessoa com os novos percursos escolhidos em democracia.

Saber-fazer, de saber-pensar, de saber-ser em relação com o outro, de estratégias, de valores e de comportamentos, com os novos conhecimentos, novas competências, novo saber-fazer, novos comportamentos, novos valores que são visados através do percurso educativo escolhido (Josso, 2007, p. 420).

Nesse ponto, onde os campos formadores de afetos se configuram, vão surgindo organicamente as necessidades de incorporar outras pessoas com outras novas estratégias de sobrevivência para a pesquisa com e a partir das experiências de vida. Aproximamos do campo formador de afetos Roberto Sidnei Macedo¹³, um dos presentes que minha irmã Suelma Costa¹⁴ me apresentou durante a escrita do meu pré-projeto para ingresso no PPGDança/UFBA.

Em seu livro "Pesquisar a Experiência - Compreender/mediar saberes experiências" (2015), Macedo afirma que **"não há possibilidade de pesquisa sem que a experiência venha configurar a compreensão da singularidade de uma realidade em construção"** (Macedo, 2015, p. 29) (grifo do autor), para destacar a importância que estabelecemos nesta pesquisa entre experiência e atualização. Da nossa perspectiva, essa realidade em construção é atualização em processo na análise e na organização do vivido durante os campos formadores de afetos possíveis, durante as constelações, durante os processos de narração das histórias de vida.

Constelação experiência é manifestação de corpos e de complexidades no compartilhamento de palavras, de imagens, de sentimentos e de realidades que nos comprometem com os diferentes pontos de vista, de lutas e de sentidos críticos/políticos que permitem diálogos sobre as opressões, as democracias e as emancipações geradoras de saberes e atualizações.

As experiências se cruzam em diversos pontos: pela natureza do problema, educação, violência, questões de saúde, questões de liderança e mobilização social, experiências estéticas, nos contextos que se inserem e nos sujeitos que os compõem (Brandão, 2014. p. 35).

As narrações das experiências cruzam diversos pontos geradores de afetos como uma trama constelar, para estruturar outros, novos ou atualizados campos possíveis de articulações que possibilitem a sobrevivência das ações e das reverberações dos seus ecos para outros campos, com outras linguagens, entre outras parcerias público/privada estruturantes.

Ana Elisabeth Simões Brandão, é uma referência direta para esta pesquisa. Professora, doutora, pesquisadora, inspiradora e articuladora de sentidos e

¹³ Professor Dr. em Ciências da Educação pela Universidade de Paris Saint-Denis, pós-doutor em currículo e formação pela Universidade de Fribourg na Suíça e professor da Faculdade de Educação da UFBA.

¹⁴ Mestra em Estudos Interdisciplinares sobre Universidade (PPGEISU/UFBA). Artista, Pesquisadora, Diretora e irmã que a vida me deu.

significados geradores de novos projetos e novas articulações para sobrevivência de projetos estruturantes na arte educação. Em sua tese "Arte Como Tecnologia Educacional (2014)", Beth Rangel, como a conhecemos em Salvador-Bahia, na Escola de Dança da UFBA, nos provoca, com tamanha leveza e segurança, a pensar nas experiências de ontem para a configuração de novos processos e resultados sistematizados para o amanhã.

E Roberto Sidnei Macedo, para esta pesquisa, é constelação formativa. Em todos os seus escritos sobre educação, formação, autonomia pedagógica, etnocurrículo, etnoaprendizagens, etnopesquisa e multirreferencialidade, Macedo institui outros modos constelativos de criação e devir em formação para trabalhar no âmbito das múltiplas justiças, da conquista do bem comum social. Constelar Macedo e Beth Rangel é uma atualização em dança, pedagogia, formação e configuração de novos processos de reconhecimento, comprometimento e implicação das pessoas em/na coletividade.

Macedo, no livro Etnocurrículo: etnoaprendizagens: a educação referenciada na cultura (2015), afirma, em concordância com autores como Josso, Dewey e Nóvoa que:

[...] a formação é experiencial ou, então, não é formação e que nesse processo a própria formação acontece quando experimentada em atos dialógicos e dialéticos de reflexão sobre sua própria condição formativa em processo (Macedo, 2015, p. 12).

A constelação experiência é um acontecimento radical para as análises das diversas realidades nos processos de formação pessoal/coletiva e para a garantia da sobrevivência da pesquisa. Constelação experiência é atualização. "Ou seja, não há possibilidade de pesquisa sem que a experiência venha configurar a compreensão da singularidade de uma realidade em construção" (Macedo, 2015, p. 29).

É importante apresentar para pessoa leitora que o termo implicação que utilizamos na pesquisa para designar pessoas entregues, dispostas, autorizadas e participativas em seus processos formativos emerge nas pesquisas de Macedo, como em sua obra "A etnopesquisa implicada" (Macedo, 2012), argumentando que "assumir como formador o trabalho com a implicação é, ao mesmo tempo, constituir um processo de autorização profundo e emancipador. No sentido de constituir-se autor(es) da sua própria condição."

Em atualização com Cornélius Castoriadis (1975), que nos provoca sobre a implicação não apenas como investimento subjetivo para formação, mas um elemento

fundamental sobre o conteúdo e a estrutura da implicação. Portanto, quando as pessoas estão implicadas nos processos artísticos educativos para transformações de si e de outras pessoas, tendo como base as suas histórias de vidas, a construção de outros saberes torna-se condição profunda e fundamental para compreensão das atualizações.

Realizamos um encontro constelar com Jorge Larrosa¹⁵, com o seu livro "Tremores: escritos sobre experiência" (2019), com intuito de fortalecer a compreensão sobre experiência nos processos criativos inventivos. Larrosa, nesse sentido, complementa que "experiência é aquilo que "nos passa", ou que nos toca, ou que nos acontece, e, ao nos passar, nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação" (Larrosa, 2019, p. 28).

Para Larrosa, é importante pensar educação a partir das experiências com suas categorias comuns, categorias das descobertas, dos mistérios, das sabedorias, das criatividades e dos desejos de continuidades perante o que nos acontece. Das continuidades sobre o que pensamos, dançamos ou cantamos e que faz com que a educação, a arte e a vida sejam o que são e o que precisam ser para ecoar de outras experiências e para novos cantos e corpos que lutam para continuarem sobrevivendo. "Pensar a educação a partir da experiência/sentido (2019)"

A experiência não é uma realidade, coisa, um fato, não é fácil de definir nem de identificar, não pode ser objetivada, não pode ser produzida. E tão pouco é um conceito, uma ideia clara e distinta. A experiência é algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então, somente então, se converte em canto. E esse canto atravessa o tempo e o espaço. E ressoa em outras experiências e em outros tremores e em outros cantos (Larrosa, 2019, p.10).

¹⁵ Professor de Filosofia da Educação na Universidade de Barcelona, doutor em Pedagogia e pós-doutor no Instituto de Educação da Universidade de Londres e no Centro Michel Foucault da Sorbonne, em Paris.

Imagem 06 - Aula no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) de Lauro de Freitas-Ba. Foto: Aldren Lincoln



Fonte: Acervo pessoal do autor

Larrosa, para esta pesquisa, significa atualização sobre experiência, "experiência/sentido". Permite-nos pensar a educação a partir de outro ponto de vista, para além dos "esquemas de pensamentos" já constituídos e da sensação de inovação sobre o que já foi dito, escrito ou fixado. O desenvolvimento criativo, educativo, produtivo, formativo sob a ideia de constelação, centrada nas narrações das histórias de vidas, conectado ao par "experiência/sentido", abre espaços novos para organização das histórias em outras maneiras de analisar o que se passou, o que se falou, o que possibilitou o desenvolvimento dos sentidos e o que ecoou como outros modos de discursos para atualização dos processos, das pessoas, dos contextos e das realidades.

Larrosa (2019) propõe, em primeiro lugar, reivindicar a experiência, dar dignidade e legitimidade. É preciso atualizar o conhecimento sobre experiência, para autores clássicos e para filosofia clássica, que pensam a experiência como um modo de conhecimento inferior ou um obstáculo para o verdadeiro conhecimento. "Para explorar as possibilidades de um pensamento da educação elaborado a partir da experiência, é preciso fazer, me parece, duas coisas: reivindicar a experiência e fazer soar de outro modo a palavra experiência (Larrosa, 2019, p. 38).

Para Larrosa, a dignificação e reivindicação da palavra experiência não é o bastante. É preciso fazer soar a palavra de modo particular, com amplitude e precisão para reivindicar tudo que a ciência tradicional/moderna e a filosofia menosprezam. Faremos a exposição de uma estrutura apresentada por Larrosa com 05 precauções

para utilização da palavra experiência que se conectam com outros autores que apresentamos para contribuir com o pensamento sobre a constelação experiência:

1 - Separar experiência de experimento, em descontaminar a palavra experiência de suas conotações empíricas e experimentais. Trata-se de não fazer da experiência uma coisa, de não objetivá-la, não homogeneizá-la [...] Não pretender pensá-la cientificamente ou produzi-la tecnicamente.

2 - Tirar da experiência todo dogmatismo, toda pretensão de autoridade. [...] Muitas vezes a experiência se converte em autoridade, na autoridade que dá a experiência. [...] Portanto, trata-se de que ninguém deve aceitar dogmaticamente a experiência de outro e de que ninguém possa impor autoritariamente a própria experiência ao outro.

3 - Evitar fazer da experiência um conceito. [...] É preciso resistir a determinar o que é a experiência, a determinar o ser da experiência. Pensar a experiência como o que não se pode conceituar. [...] A experiência é o que é, e além disso mais outra coisa, e além disso uma coisa para você e outra coisa para mim, e uma coisa hoje e outra amanhã, e uma coisa aqui e outra coisa ali, e não se define por sua determinação e sim sua indeterminação, por sua abertura.

4 - Evitar fazer da experiência um fetiche ou, o que seria ainda pior, um imperativo.

5 - Evitar que tudo se converta em experiência, que qualquer coisa seja experiência, para evitar que a palavra experiência fique completamente neutralizada e desativada. [...] É importante deixá-la livre e solta, para deixá-la o mais vazia e o mais independente possível.

Neste ponto da constelação, fizemos uma conexão entre Josso, Macedo, Safatle e Larrosa a respeito dos aprendizados e experiências como estratégia de mediação formativa com histórias de vidas para atualizações de si, atualizações de danças e atualizações de outras histórias, colaborando para auto-organizar o que se foi aprendido e autoatualizar as narrações dos devires. "Só a narrativa dos agentes-atores-sujeitos pode, via a experiência irreduzível deles, descrever e **atualizar esses modos de pensar fazer a vida**" (Macedo, 2015, p. 30) (grifo do autor).

É na percepção sensível de cada narração de vida que compreendemos as atualizações em suas profundidades. Enfatizamos que nessas manifestações constelares as divergências e seus contrastes proporcionam a autocrítica em conjunto sobre o **campo formativo de saberes, sentidos e aprendizados possíveis para atualização das histórias de vidas, para atualizações das danças**: são as divergências os pontos fundamentais para as conexões dos saberes experiências e atualizações. Precisamos questionar constantemente sobre os sentidos e significados

que emergem na constelação e pensar, também, sobre o que buscamos na investigação das experiências?

A experiência é um passo, uma passagem. Contém o "ex" do exterior, do exílio, do estranho, do êxtase. Contém também o "per" de percurso, do "passar através", da viagem, de uma viagem na qual o sujeito da experiência se prova e se ensaia a si mesmo. E não sem risco: no experiri está o periri, o perigo (Larrosa, 2005, p. 67).

O encontro na constelação entre Josso, Brandão, Macedo e Larrosa nos faz perceber que para mediar saberes e sentidos a partir das experiências de vidas é preciso compreender as nossas experiências e histórias de vidas, as nossas narrações e as nossas constelações como atualizações que nos acontecem, que nos constituem e configuram nossas personalidades, nossas ações diante dos processos criativos, inventivos e transformativos.

É preciso estarmos disponíveis e implicados/as para sermos atualizadas/os. É imprescindível, para as conexões que estabelecemos ou que são estabelecidas, uma percepção de constelação de si com a sociedade, com as pessoas que nos rodeiam e nos afetam, com as histórias políticas/sociais/econômicas/culturais que vivemos e que o tempo nos permitiu viver e com toda produção de histórias e sentidos que nos autorizam, nos determinam e nos permitem continuarmos pessoas abertas para estarmos em constante atualização. "Em algumas ocasiões, esses cantos de experiência são cantos de protesto, de rebeldia, cantos de guerra ou de luta contra as formas dominantes de linguagem, de pensamento e de subjetividade. (LARROSA, 2019, p. 10) É preciso conhecer as nossas fraquezas, nossas dores, nossos medos, nossas potências, nossas habilidades e paixões.

Imagem 07 - Papo em Família. Núcleo Nordeste de Amaralina - 2019 -. Foto: Seu Carlos



Fonte: Acervo pessoal do autor

4 REVISTA——LAMBE——ATUALIZAÇÕES EM DANÇA

Quando a dança passa a fazer certas perguntas ainda não feitas, passa a precisar exercitar um outro fazer-dizer, que seja capaz de dar conta daquilo a que se está propondo (Setenta, 2008, p. 85).

Imagem 08 - Revista Lambe, ação do evento Intervalos desenvolvida na décima edição do Festival de Dança de Itacaré, 2022. Foto: Duna Dias.



Fonte: Acervo pessoal do autor

Mais uma constelação como atualização em dança, a Revista Lambe se apresenta nesta pesquisa como um espaço de construção de histórias e saberes, de narração de processos em/com dança e como uma base documental para salvaguardar as memórias coletivas.

A ideia de criar uma revista me acompanha faz tempo. Esse desejo surgiu diante dos poucos e dos restritos espaços que são disponíveis, e não tão disponíveis assim, para pessoas pesquisadoras e artistas poderem publicar seus trabalhos artísticos acadêmicos e compartilhar seus processos e projetos.

As possibilidades de uma pessoa que está iniciando sua carreira acadêmica ou artística poder participar de uma revista e publicar seus feitos se tornava cada vez menor, ainda mais para quem não tem condições de pagar os valores cobrados e/ou não se encaixam nas regras para publicação do volume ou da revista. Lembro de ter convidado colegas do mestrado para desenvolvermos uma revista, mas não saímos

dos desejos. Ficou evidente que o que estava propondo era algo fora da realidade. Na verdade, a estrutura de impossibilidade era imposta pelos próprios espaços de educação. Me recordo que em um dos encontros aconteceram questionamentos do tipo: como estudantes de mestrado vão criar uma revista? Qual valor irão atribuir a uma revista criada por estudantes que possuem apenas o título de graduação?

Para mim, ficava cada vez mais evidente que era uma estrutura de violência e colonização dos corpos e dos espaços possíveis para difusão dos fazeres artísticos acadêmicos. Uma reverberação de que estes meios de comunicação não são acessíveis, inclusivos, tampouco possui em suas equipes de editoração e curadoria pessoas sem títulos acadêmicos. Não estou refletindo sobre os congressos específicos de dança. Contudo, esta revista abre possibilidades diversas de visualização de sentidos e de significados que necessitam de atualização para os programas acadêmicos, grupos de estudos etc...

Sempre trabalhei como designer como uma estratégia de sobrevivência, mas também faz parte da minha personalidade, das minhas histórias de vida, da minha genética e das minhas necessidades ter que atuar em diversas áreas de conhecimento e desenvolver diversas habilidades profissionais para conseguir sobreviver. Não vejo separado, pois minha personalidade sempre esteve condicionada a constelações formativas de sobrevivência, e essa narração apresenta muitos significados para o desdobramento desta pesquisa. Em muitos momentos escolhi fazer o que não queria ou o que não gostava para estar nos locais onde desejava estar. Locais onde meu corpo se reconhecia pertencente. É importante ressaltar que esta pesquisa é uma estratégia de sobrevivência. A Revista Lambe, os Núcleos de Extensão e a performance ANTES DE DIZER ADEUS também são estratégias de atualizações de sobrevivência.

Eis que surgiu o momento certo. A hora de idealizar e realizar a Revista Lambe aconteceu em 2021, durante o desenvolvimento do evento INTERVALOS, (Instagram @intervalosdedança), proposição do Grupo de Pesquisa Laboratório Coadaptativo LABZAT, (PPGDança UFBA), a partir de uma de suas obras investigativas que corresponde ao enfoque temático da pesquisadora Dra. Adriana Bittencourt Machado e vinculado ao Projeto de Pesquisa Imagens como Acontecimentos: mapeamentos do corpo, mapeamentos do mundo.

Imagem 09 - Capa da Revista Lambe V.01. Foto e Designer: Aldren Lincoln – Performance O Namorado de MMe. Lard – de Junior Oliveira.



Acesse a Revista Lambe



Fonte: Acervo pessoal do autor

Faço parte do Grupo de Pesquisa desde 2020, quando entrei no mestrado, e esse foi o primeiro evento que participei, INTERVALOS, com o grupo. Este grupo representou e colaborou imensamente para o desenvolvimento desta pesquisa e para compreensão de constelação como atualizações em dança. Foi muito rico fazer parte de um grupo de pesquisa durante a pandemia causada pela COVID-19. Toda proposta de pesquisa foi pensada para acontecer presencialmente, mas tudo mudou. Não posso deixar de agradecer a cada integrante, sendo até redundante, pois já o fiz nos agradecimentos, mas neste momento da escrita a sensação que me move com as palavras é de gratidão e felicidade por fazer parte da caoticidade, das discussões, dos silêncios, das trocas e construções ao longo desses anos.

Imagem 10 - Página da Revista Lambe desenvolvida pela Prof.^a Dr.^a Adriana Bittencourt.
Volume 01 – 2021, p. 14.



Fonte: <https://revistalambe.wordpress.com/>

“A Revista Lambe é coreografia e metáfora encarnada do desejo. Lambemos para fechar uma carta, selar uma seda, nos aproximar de sabores ainda desconhecidos, reativar memórias, provocar sensações e prazer. Cada língua, ao lamber, revela suas próprias texturas particularmente úmidas, secas, macias ou ásperas. Lambemos em movimentos de fúria ou em calma. Lamber é um ato co-adaptativo. A revista lambe é um intervalo a ser criado coletivamente sob a mediação de Aldren Lincoln. Uma publicação que se apropria do lambe-lambe e do ato de lamber como metáfora e ignição para as danças textos, danças gravuras, danças imagens: atentados poéticos a serem fixados nos muros da urbe virtual” (trecho escrito colaborativamente no grupo de pesquisa Labzat, 2021)

Imagem 11 - Arte gráfica desenvolvida para o primeiro INTERVALOS - 2021-. Designer:
Aldren Lincoln



Fonte: <https://revistalambe.wordpress.com/>

Como você lambe? Até onde sua língua consegue alcançar? Espaços desconhecidos ou íntimos? Centros ou periferias? Até onde consegue deixar o rastro sem evaporar? Experiências compartilhadas em movimentos diagramados e formatados para um espaço “onoffline”, misturado, como possibilidade “de deslocamento como estratégia de sobrevivência” em conjunto.

Buscamos possibilidades de diálogos que nos possibilite compreender a construção de um espaço democrático e colaborativo, na produção em/com dança, que dialogue com as fissuras existentes entre as conexões, as redes, as pessoas envolvidas, nos seus tempos e espaços, nas suas precariedades, com as suas gambiarras e as suas diversidades de dispositivos e, sobretudo, as suas habilidades na utilização desses dispositivos como potências para atualização de si e das outras pessoas, atualização de sua dança e das danças das outras pessoas.

A proposta aqui é a de lidar com esses ambientes a partir dos sujeitos que nele atuam, priorizando as implicações e atravessamentos que se atualizam nas suas práticas de corpo e dança (Albuquerque, 2016, p. 27).

Compreendemos a Revista Lambe como uma potência em rede que possibilita novos modos de existência e transgressão em dança. Espaço esse que ao mesmo tempo que se apresenta como ambiente múltiplo, aberto e de fácil acesso se fecha nas janelas individuais e exclui muitas pessoas que não conseguem estar “onoffline” por diversos fatores. Que dança é essa que estamos compartilhando e quem são as pessoas que acessam essa dança?

Esse espaço de constelação é complexo, assim como outros muitos espaços de criação e produção de conhecimento e formação. Não defendemos este espaço como uma solução, uma salvação ou uma cura. Apenas nos foi possível, diante das diversas questões apresentadas durante a pandemia, no período de atividades “onoffline”, utilizar uma plataforma gratuita, aberta e de fácil acesso para pessoas que já possuem contas e vivenciam os aplicativos e as redes sociais. Nos comunicamos por diversos aplicativos para alcançar as pessoas envolvidas. Criamos tutoriais de acesso e utilização das ferramentas da plataforma. Ajudamos as pessoas que tinham dificuldades com a plataforma e potencializamos essas inúmeras fissuras para continuidade das ações.

As dificuldades que as pessoas participantes dos volumes da Revista Lambe levantaram reverberam suas condições, suas gambiarras, suas habilidades e limitações para o desenvolvimento das matérias. A partir dessas dificuldades eram

desenvolvidos pontos metodológicos estratégicos para os atendimentos e desdobramentos dos desejos das pessoas para o ambiente “onoffline”. Esses pontos estratégicos faziam emergir sentidos, aprendizados e soluções para novos acordos.

O espaço midiático, com sua porosidade e no seu fazer constitutivo em mediações, confere certas transformações e intercâmbios políticos e sociais, configurando o processo comunicacional como auto-organizativo e dinâmico (Albuquerque, 2016, p. 33).

É importante destacar que todas as pessoas que participaram da construção da revista foram identificadas, pois necessitaram de contas de e-mail, de senhas, de dados pessoais e de disponibilidade de tempo para adentrar uma plataforma específica, codificada, monitorada e implicadas a interagir. Utilizamos a plataforma Canva, na sua versão gratuita, com seus limites e possibilidades como potências, mas sobretudo para transformar as realidades e nelas intervir, recriar, provocar e atualizar.

Imagem 12 - Arte criada para Revista Lambe por Mab Cardoso e Marina Sarno – Berlim/Alemanha – Volume 01 - 2021, p. 27.



Fonte: <https://revistalambe.wordpress.com/>

O que quero dizer é que, mesmo planejando a construção de um ambiente aberto existem inúmeras fissuras que se apresentam como limitações que não nos permitem dar conta da organização de um espaço aberto, acessível, de grande alcance, onde muitas pessoas possam participar e acessar. Não estou falando apenas

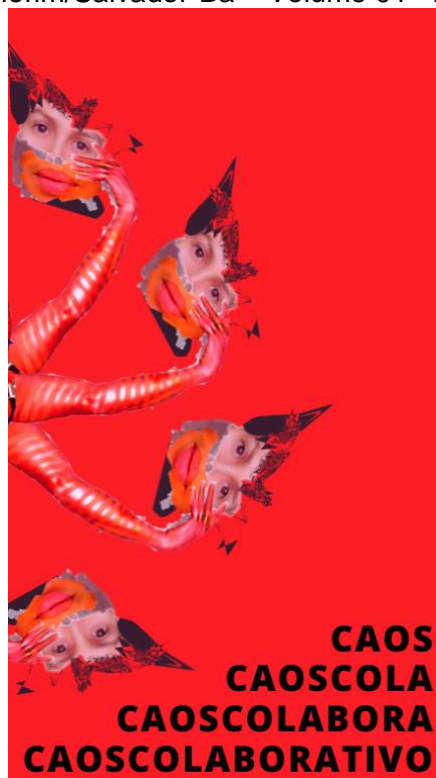
das pessoas que não possuem dispositivos, conexão ou acesso a este tipo de material. Estou falando de uma reverberação viva durante o processo, em que participantes se sentiram bloqueados/as para serem participantes ativos/os. Acessar a revista e se deparar com uma página, com seus limites de páginas, sem muitas regras de postagens, de formatações, de normas. A Revista Lambe é um espaço transgressor. Ela surge em um evento transgressor e idealizado por pessoas diversas, inclusive desacreditado por pessoas diversas. A Revista Lambe é constelação desde o seu início. Mesmo que algumas pessoas assumam frentes para sua realização e finalização, as tomadas de decisões são coletivas, ampliadas e compartilhadas. Inclusive a interação no processo criativo das pessoas autoras participantes.

Os encontros não programados e não programáveis para organização e montagem da Revista Lambe existiram em níveis complexos de adaptabilidade aos ambientes, dispositivos, tempos, fusos, relações e momentos de trocas e implicações para cada pessoa autora. As vivências e os acasos dos encontros ao mesmo tempo que definiam as postagens, mudaram os modos de perceber as outras pessoas postando, configurando, ajustando e escolhendo seus caminhos estéticos. O aprendizado estava ali, no observar e no interagir com e a partir da plataforma. Com os meios possíveis de interação e para outras janelas de aplicativos possíveis de aprendizado, troca, experiência e construção de pontos estratégicos possíveis para dançar.

As imagens ocorrem como pactos transitórios entre corpos já que os ajustes são constantes e resvalam em organizações sucessivas de configurações. São tecidas nas negociações entre fronteiras que, por sua vez, são movediças, não são rígidas, mas sim elásticas e provisórias. Fronteiras, então, são maleáveis, pois dependem do tipo de acordo efetuado (Bittencourt, 2012, p. 42).

Até onde sua língua alcança? A dança que cabe na Revista Lambe é o que atualiza a ideia de revista e de participação das pessoas autoras na criação de uma revista. Lamber é coreografar em parceria para criar algo novo que atualiza suas expectativas e desejos. É um espaço de caos colaborativo.

Imagem 13 - Arte criada para Revista Lambe por Aldren Lincoln e Giltanei Amorim/Salvador-Ba – Volume 01 - 2021 - p. 39.



Fonte: <https://revistalambe.wordpress.com/>

Entendemos este caoscolaborativo como uma etapa fundamental no processo de constelação para criação da Revista Lambe. Sabemos que o tema central é Atualizações em Dança. Pronto. O que segue é natureza criadora que narram as histórias e memórias, os desejos e medos, as angústias e prazeres em uma deriva temporal fora do que lhe pertence. “Se há uma realidade objetiva e universal, ela não pode deixar de fora nada do que lhe pertence em sua infindável imensidão de possibilidades virtuais.” (Galeffi, 2014, p. 19).

4.1 ANTES__DE____DIZER____ADEUS

Ainda que beirando o chão, ainda que emitindo uma luz bem fraca, ainda que deslocando lentamente, não desenham os vaga-lumes, rigorosamente falando, uma tal constelação? (Huberman, 2011, p.60)

Imagem 14 - Cena de ANTES DE DIZER ADEUS (2022) - BTCA Foto: Aldren Lincoln.



Fonte: Acervo pessoal do autor

Se o corpo experiencia soluções sucessivas, suas aptidões coexistem com suas possibilidades de ação, sempre criativas. Solucionar é sempre um modo de arranjo, em um determinado

momento, é processo, e o corpo, ao se auto-organizar, apresenta sempre outras possibilidades. Essas são diferenciadas a cada momento. Soluções exigem organizações singulares, não se repetem. Afinal ações não dão ré e o tempo não volta atrás (Bittencourt, 2012, p.107).

"ANTES DE DIZER ADEUS" foi uma experiência geradora de significados e sentidos para esta pesquisa. Desenvolvida a partir de um intercâmbio técnico-científico-artístico entre o Grupo de Pesquisa Labzat: Laboratório Coadaptativo, do PPGDança/UFBA no âmbito do curso de Mestrado e Doutorado Acadêmicos, em uma de suas dobras de Pesquisa coordenada pela Prof.^a Dr.^a Adriana Bittencourt Machado, e, o Balé Teatro Castro Alves – BTCA, dirigido na época por Ana Paula Bouzas¹⁶.

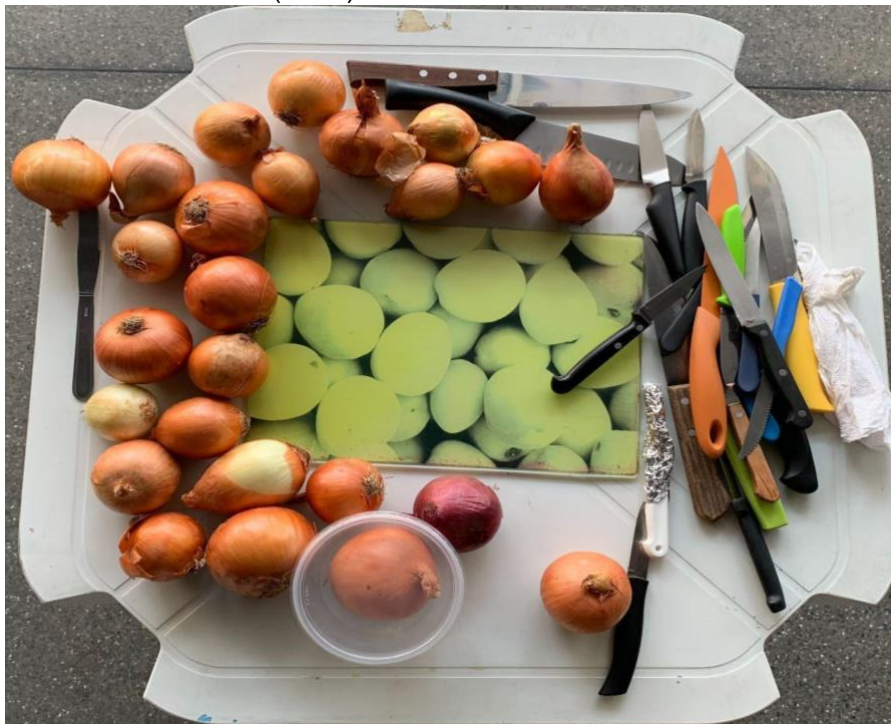
Através da imersão na linguagem da Performance, a ação foi realizada no período de 14 de março a 1º de abril de 2022, na sede do BTCA (Teatro Castro Alves), sob a mediação dos artistas pesquisadores Aldren Lincoln e Giltanei Amorim, membros do Grupo de Pesquisa Labzat (PPGDança) e com a participação integral do corpo de bailarinos do BTCA.

A parceria foi firmada entre o Programa de Pós-Graduação em Dança da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia através de um dos seus grupos de pesquisa com diretório no CNPQ e o Balé Teatro Castro Alves, sem fins lucrativos, objetivando a retroalimentação de diversos profissionais através de duas Instituições Públicas que criam e fomentam a Dança.

Farei uma exposição do processo de criação da performance "ANTES DE DIZER ADEUS" tomando como base as configurações relativas à constelação como atualização em dança. Pensaremos a partir das narrações dos corpos das pessoas envolvidas no processo de criação, das narrações das experiências das vidas das pessoas envolvidas e sobre as estratégias utilizadas no desenvolvimento da performance, incluindo a pré-produção, a produção e a pós-produção, com intuito de gerar sentidos significados e percepções sobre os comportamentos, as atitudes, os afetos e as atualizações das histórias de vida, da pesquisa e da dança. Etapas essenciais para compreensão da constelação e da pesquisa.

¹⁶ Atriz e bailarina brasileira, ex-diretora do Balé do Teatro Castro Alves. Pessoa linda e extremamente talentosa que a vida me apresentou.

Imagem 15 - Elementos utilizados no exercício com o elenco do BTCA, na Concha Acústica (2022). Foto: Aldren Lincoln



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Gostaria de destacar que o convite para esta constelação, para o desenvolvimento desta performance, nasceu de outros processos formativos que se manifestaram nas oportunidades e conexões que escolhi me implicar ao longo da vida. Não se estruturou a partir de premiação, convocatória, análise curricular ou edital de seleção, mas de outros processos conectivos que se estabeleceram com outras pessoas e em outros espaços tempos.

A pessoa articuladora desta constelação foi a artista, pesquisadora e Prof.^a Dr.^a Jussara Setenta (@jussarasetenta), minha professora nos tempos da licenciatura em dança na Escola de Dança da UFBA (entre 2006 e 2010). Jussara foi a pessoa responsável pelas articulações com a artista, pesquisadora e na época diretora do Balé do Teatro Castro Alves, Ana Paula Bouzas (@bouzasatriz), também amiga de Jussara. Para esta pesquisa, explicitar os detalhes pelos quais a constelação se configura é mantê-la viva, justamente porque se conjuga de modo singular e plural; os detalhes apresentam a coletividade da história. Jussara sabia o que Ana Paula Bouzas desejava e como conectar as pessoas para proporcionar uma experiência crítica, intensa, complexa e profunda para em pouco tempo ser apresentada ao público.

A partir do conhecimento de Jussara sobre as histórias de vida e os processos formativos dos artistas com quem se conecta, era certo que, para este momento, a constelação tinha que acontecer com pessoas que já trabalhavam com base nos afetos, nos processos colaborativos e que tinham experiências nas mais variadas situações de criação em dança produzidos com colaboração, profissionalismo, representatividade e criticidade nas mais diversas situações de precariedade e sobrevivência.

Daí, a certeza de que eu não seria convidado sem o meu amigo de tantos processos criativos a mais de quinze anos, Giltanei Amorim (@giltanei), artista, pesquisador da dança, mestre, doutorando pelo PPGDança UFBA e autor do livro "Dança e Estado: dispositivos de centralização do poder e pulverização do dissenso" (2021). Mais uma vez, reforçamos a importância dos dados que revelam condições políticas, artísticas, sociais, relacionais, afetivas e profissionais para se pesquisar a partir das histórias de vidas.

Dois artistas periféricos (eu sou de Cajazeiras, em Salvador-Ba e Gil da cidade de Pojuca-Ba), coreografando um trabalho performativo do BTCA, em comemoração ao 41º aniversário da companhia, durante a pandemia e diante de um momento político nacional de desmonte, de genocídio, de ameaça constante da retomada da ditadura militar e de todas as barbáries conduzidas por um governo genocida, ou seja, essa proposta já se apresenta como atualização das histórias das nossas vidas; como atualização das nossas danças.

Aceitamos o desafio. Nos debruçamos na investigação, a partir da provocação lançada por Ana Paula Bouzas que iniciou com a celebração do Dia Internacional da Mulher, e nos diálogos e nas trocas durante as reuniões de pré-produção e o tema foi sendo atualizado para feminilidades e outras feminilidades. Não apenas por serem dois homens para mediar uma ação performativa com o tema definido sobre o Dia Internacional da Mulher, mas diversas inquietudes emergiram até ampliarmos os questionamentos e a compreensão que deveria ser uma discussão coletiva, com todas as pessoas envolvidas. Lançamos na encruzilhada criativa.

Há uma diferença nos modos de organização da fala da dança contemporânea performativa. No lugar de propor um manual de fazer dança, pretende problematizar a questão do que significa esse fazer, e inquirir acerca da atuação dos diferentes modos de se enunciar dança (Setenta, 2008, p. 93).

Estava nítido. Era preciso conectar outras pessoas para provocar, de modo radical e transgressor, as estruturas do grupo de dança que celebrava 41 anos de vida representando o Estado da Bahia. A primeira pessoa convidada foi a mestrande, pedagoga, babalorixá, travesti e ativista Thiffany Odara (@thiffanyodara). Entendemos que seria fundamental essa aproximação para uma transgressão sobre o tema e sobre a própria estrutura de grupo e de construção de espetáculo. A segunda pessoa convidada foi a professora, artista, pesquisadora, mestra e doutoranda Camila Saraiva (@camilasaraivadance). Uma reverberação corporal a partir da dança do ventre sobre feminilidades e o movimento serpenteado. A terceira pessoa convidada foi o professor e coreógrafo Adeilson de Souza, conhecido como Deinho (@deinhos). Um artista das fanfarras e de quadrilha junina que apresentaria uma lógica de contraponto sobre o universo bélico, cívico, machista e violento que segue presente nos festivais de fanfarras do estado da Bahia.

ANTES DE DIZER ADEUS possibilitou analisar a constelação através dos etnométodos e da formação para compreensão das constelações como atualizações em dança, a partir das experiências narradas, dos modos de criação, das estratégias de organização e dos espaços abertos para pesquisar pesquisando. Em sua existência, com a participação de todas as pessoas implicadas no processo, os acordos estruturaram-se de forma democrática, de modo colaborativo, pelo compartilhamento das experiências de vida, das análises dos modos de criação e de construção em dança ao longo da história dos 41 anos da companhia.

Imagem 16 - Cena de ANTES DE DIZER ADEUS - BTCA (2022) Foto: Aldren Lincoln



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Dividimos a participação das pessoas convidadas em dois momentos estratégicos¹⁷. No primeiro momento, Camila Saraiva e Thiffany Odara participaram com a narração de suas histórias de vida e discussão com todo elenco do BTCA. Atravessaram suas experiências de vida com o tema da performance e questionaram as estruturas a partir da ótica eurocêntrica, patriarcal e machista e levantaram outros pontos de vista sobre o tema, sobre os privilégios, as prioridades e os diversos limites existentes a partir de cada realidade. No segundo momento, realizamos uma entrevista com Adeilson de Souza para colaborar com a narração das suas histórias de vida como coreógrafo e jurado dos concursos de fanfarras.

A partir das narrações das histórias de vidas, das análises críticas sobre as histórias e dos questionamentos sobre as diferentes realidades, os sentidos, os significados e as implicações foram emergindo e tornando nítido o que era comum, divergente, prioritário e institucionalizado para, então, construir uma narração coletiva de compreensão sobre o que é constelação, o que é construção de conhecimentos, de processos formativos e das estratégias para o reconhecimento sobre as atualizações que ecoam.

Imagem 17 - Narração de Tiffany Odara e bate-papo com o elenco do BTCA (2022). Foto: Aldren Lincoln



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Estas características fazem da implicação um marco diferenciador desta abordagem. Isto me permite exercitar a simultaneidade existente em todo ato formativo, pois ao mesmo tempo em que implico o outro que vivencia comigo a experiência, sou também implicada por ele na situação na qual interagimos (Nascimento, 2010, p. 35).

¹⁷ Não cabe nesta pesquisa discorrer e se aprofundar sobre essas lógicas.

Diante dos exercícios que foram desenvolvidos com o elenco para a construção das ações performativas, diversos gatilhos foram se descortinando e trazendo para ciranda, para marcha e para outras construções de cena, aspectos políticos/institucionais/relacionais/sociais/hierárquicos que evidenciaram conexões complexas capazes de (des)conectar as pessoas e suas danças, de (des)conectar as pessoas e seus afetos com as narrações e com as expectativas sobre as narrações e as muitas condições hierarquizantes do dizer, do questionar e do afirmar.

Identidade e diferença convivem em uma oposição radicalmente complementar. Elas são apenas dois momentos do mesmo processo de determinação por predicação, ou, ainda, da determinação por posseção de predicados, por aquilo que indivíduos podem possuir (Safatle, 2020, p. 25).

As provocações e problematizações que surgiram a partir do tema feminilidades foram reveladoras para construção dos pontos estratégicos que apresentamos nesta pesquisa. Os diálogos pré-definidos no planejamento e no cronograma faziam parte da proposta de construção crítica/artística e da compreensão da ação performativa que era pretendida por nós. Foram dias intensos de descortinamento das muitas estruturas que existem para manutenção da companhia durante 41 anos.

Estabeleceu-se um espaço de escuta e de respeito com as possibilidades de pontos de vista, com todas as histórias narradas, com cada corpo ali exposto. Era curioso perceber as divergências entre o elenco concursado, estatutário, efetivo e o elenco concursado por regime REDA, temporário. Não são os corpos, as idades ou as vantagens. Estamos falando de histórias de vidas e realidades que lutam contra o racismo, lutam para se alimentar, para sobreviver, lutam contra as muitas camadas de violências, lutam para que a dança seja digna de se viver, que lidam com os orgulhos e outras tantas camadas das cebolas epistêmicas.

O cuidado para não controlar, dirigir ou diminuir as histórias e os sentimentos das outras pessoas se fizeram lentes presentes para observação das histórias de cada vida que ecoava enquanto ação performativa. Sentimentos e sentidos, muitas das vezes, foram proibidos de serem compartilhados. Existem ambientes que apresentam em suas estruturas muitas maneiras de agirmos e reagirmos, de nos comportarmos: shopping, uma passarela, um banco, um elevador, uma sala de ensaio, uma sala de aula ou um presídio. Era sutil, ou nem tanto assim. Existem

peessoas nos ambientes que querem dizer e ouvir, outras pessoas querem dizer por todas as pessoas. Era corpo. É corpo.

Ouso afirmar que, após o desenvolvimento da pesquisa com as narrações das histórias de vidas, o silenciamento é corpo presente que seleciona o que se deve escutar, o que deve ser dito e o que poderá continuar a ser narrado. O silenciamento se fez corpo presente. Corpo que se emociona, corpo que se apaixona, corpo que acaricia e é acariciado, corpo que é inteligente, corpo que é religioso, militante e, também, vítima. São pessoas.

A imersão nos acontecimentos de constelação nos projeta de um ponto para outro ponto, principalmente na manutenção da continuidade do respeito para que não haja reforço de violências. Na perspectiva da atualização, o corpo que dança deseja se auto-organizar para continuar sobrevivendo. A partir das narrações das histórias de vidas é possível realizar as pontuações com experiências vivenciadas que evidenciem necessidades de atualizações e soluções para sobrevivência.

Tal condução proporciona uma continuidade de emergências de imagens em rede, sempre misturadas com as experiências já vividas do corpo e as que o mesmo troca em sua ação presencial. São acordos experienciais, uma vez que as imagens são informações que se misturam nas negociações entre corpo e ambiente (Bittencourt, 2012, p. 76).

Imagem 18 - Desenvolvimento de uma ação da performance ANTES DE DIZER ADEUS - BTCA (2022). Foto: Aldren Lincoln



Fonte: Arquivo pessoal do autor

As pessoas pensavam sobre o tema da performance. Elas analisavam as suas histórias de vidas e podiam compartilhar os seus arranjos a partir das suas

histórias, das suas impressões, dos seus sentimentos, das suas verdades, dos seus medos e dos seus sofrimentos e amores. Algumas pessoas sussurravam aos cantos, baixinho ou direcionado para seus pares, com toda cautela para não ecoar aos ouvidos das divergências inflamáveis, mas com o arranjo suficiente para demarcar seu posicionamento sobre as posturas hierarquizantes já estruturadas.

Cada narração apresentava consigo novas possibilidades de conexões e distanciamentos com outras pessoas, com outros movimentos, com outros tempos e com outras memórias. Divergir pode reforçar arranjos ultrapassados de relações tóxicas para continuidade em grupo ou novos arranjos de atualizações para relações não tóxicas. Divergir pode se apresentar como estratégias de silenciamento ou de abertura de novos espaços de fala. Divergir pode se manifestar como uma ameaça ou como uma proteção. Divergir pode ser um ataque e, também, uma defesa. É importante tornar nítido que não estamos jogando um jogo de divergir para chegarmos a uma estrutura rasa e binária sobre o que é certo ou errado, o que é bom ou ruim. Estamos problematizando a compreensão sobre como a divergência se manifesta como discurso, como movimento.

Um ponto importante durante o processo de criação para percepção das atualizações, dos arranjos estabelecidos e das conexões afetivas desenvolvidas emergia depois de cada grupo apresentar suas estruturas performativas, das ações resultantes das investigações. Era possível visualizar outras novas camadas das narrações dos corpos; era possível sentir atualização das danças. A partir dos encontros hegemônicos, dos contrastes, dos circuitos de afetos e das subjetividades, as pessoas se agrupavam com intuito de gerar outras imagens, outros movimentos, outras concordâncias/discordâncias e outros significados.

O novo, o desconhecido, o que nos torna de surpresa, o que em nós e no mundo é percebido como estranheza, dúvida, problema, parecem ser os ingredientes dos quais a investigação se alimenta e a partir dos quais se inicia. A experiência investigativa como ato criativo não nasce de certezas e sim da dúvida. No entanto, não se permanece na dúvida por muito tempo, e se avança pelo desejo de conhecer ou pela impossibilidade de permanecer em dúvida. E se nutre da ação de adivinhar, de formular hipóteses para compreender as coisas, os fenômenos do mundo (Tridapalli, 2009, p. 38).

Foram abertas diversas camadas com os experimentos que propusemos. Uma dessas camadas é extremamente delicada e viva na minha pesquisa em/com dança e nas minhas histórias com dança. É a camada das violências vividas e normalizadas nos espaços de ensino aprendizagem em/com dança que ecoaram e

ecoam de discursos opressores, preconceituosos, agressivos e excludentes. Faz-se necessário abrir espaços para diálogo e para análise sobre as realidades das pessoas e das localidades onde estão sendo desenvolvidos os processos de ensino aprendido em/com dança.

Desde o início da pesquisa de "ANTES DE DIZER ADEUS" que eu e Giltanei nos posicionamos com propostas de programas abertos e disponíveis para análises de realidades e com elas o desenvolvimento das soluções para sobrevivência em grupo, para atualização das histórias de vida, para pontuação e transformação das ações violentas que são normalizadas como tradições, missões, valores, métodos e/ou técnicas. Não podemos permitir a continuidade da normalização das tradições violentas como processos fundamentais da formação inicial ou continuada. Já bastam as estruturas institucionais e burocratizadas através de cargos constituídos para proibir.

Alguns questionamentos se instalaram com o desenvolvimento dos exercícios e ampliaram os cenários de tensões e conflitos entre identidades, valores, hierarquias, condições contratuais e aspectos pessoais e profissionais. Perguntamos constantemente se é possível discordar sem violentar outras narrações? Até que ponto as minhas crenças e valores podem colonizar para além do meu corpo outros corpos?

Um ponto estratégico constantemente iluminado e exposto no processo era a importância do respeito pelas narrações sem exposições dos julgamentos de valores, sem os ataques reverberados pelas dores ou amores, tampouco com restrições pautadas em hierarquias colonizadoras, invisibilizadoras e silenciadoras.

Não fazia parte do processo, em momento algum, valorizar as concordâncias, muito pelo contrário, estávamos implicados em potencializar as discordâncias com o intuito de gerar novos sentidos e significados com os encontros, com as outras pessoas, com as outras danças e com os espaços institucionalizados.

O autor da investigação produz uma composição heurística em que as narrativas dos autores sociais participantes da pesquisa entram no corpo da pesquisa como saberes constituídos que, ao lado das interpretações do pesquisador sobre elas e com elas, vão compor um *corpus* compreensivo produzido por esse *encontro partilhado* (Macedo, 2015, p. 101).

Imagem 19 - Cena de ANTES DE DIZER ADEUS - BTCA (2022). Foto: Aldren Lincoln



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Emergiram diversas cenas potencializadoras dos discursos sobre as exclusões e a normalização de violências para corpos historicamente vitimizados e/ou em situações de vulnerabilidade. Essas cenas fazem parte do cotidiano de algumas pessoas envolvidas no processo de construção, até na configuração estrutural das relações no próprio grupo. Com intenção de desenvolver estados corporais específicos para atmosfera performativa que acreditávamos e que se aproximavam das nossas expectativas profissionais e relacionais diante dos acordos constantes, alguns exercícios precisavam de um tempo mais dilatado para o elenco alcançar a exaustão e o desgaste físico. Com o grupo, os acordos iam surgindo, durante as cenas, nas trocas e nos arranjos para garantir a sobrevivência dos princípios organizativos. O corpo sabia que precisava se articular para encontrar soluções de continuidade das ações e da definição coletiva ou da maioria para definir os limites, os tempos, os espaços e/ou os níveis de envolvimento.

ANTES DE DIZER ADEUS, queremos continuar atualizando. Atualizando as estruturas relacionais, as individualizações nos processos, as noções de "verdades e certezas absolutas" e, expor as desatualizações e as toxicidades autênticas de desamparo afetivo, no desejo de descortinar as cenas, as histórias e os corpos para possibilitar novos processos de transformação de si, de transformação do coletivo e de transformação dos corpos institucionalizados, sejam eles efetivos ou temporários. Essa exposição não representa fragilidade ou vulnerabilidade, mas a constante

análise, a constante auto-organização, a constante ação de continuar. Antes de dizer adeus, atualize-se.

Imagem 20 - Cena de ANTES DE DIZER ADEUS - BTCA (2022). Foto: Aldren Lincoln



Fonte: Arquivo pessoal do autor

4.2 O—NÚCLEO,—A——CONSTELAÇÃO—E—A—DANÇA

Quando se trata o corpo como um auto-organizador de enunciados, está implicado nesse seu fazer a compreensão de que ele se dá em estados de provisoriedade, transformação, inquietude, permeabilidade, investigação e reflexão crítica (Setenta, 2008).

Imagem 21 - Núcleo Nordeste de Amaralina (banner e fita para a reabertura do espaço em 2018). Foto: Aldren Lincoln



Fonte: Arquivo pessoal do autor

O trabalho desenvolvido neste ambiente proporcionou-me a compreensão para pesquisar com as "histórias de vida". Após conclusão da licenciatura (em 2010), todos os trabalhos que vivi como professor de dança foram desenvolvidos em comunidades e periferias dos municípios de Salvador, de Lauro de Freitas, de Camaçari e da Ilha de Itaparica-Ba. Atuei, durante dez anos, como professor de Danças Urbanas, de Dança Contemporânea, Audiovisual e Artes Cênicas para grupos de pessoas em situações de vulnerabilidade social. As inúmeras relações e conexões foram acontecendo e reverberando para o desenvolvimento dos fazeres artísticos pedagógicos implicados com as realidades diversas das pessoas envolvidas nas pesquisas, nos projetos e nos espaços educacionais.

Em 2017, estava coordenador de Artes e Eventos, em uma escola do bairro de Cajazeiras, bairro onde nasci, quando fui convidado pelo Prof. Dr. Lucas Valentim para participar da equipe de registro e criação do Programa Trânsitos – Experiências artísticas como processos de aprendizagem/Eixo Territórios, na Residência Artística que aconteceu na cidade de Juazeiro-Ba. Após este encontro, fui convidado a assumir a coordenação dos Núcleos de Extensão da Escola de Dança da Funceb - em 2018, e compreendi a complexidade que seria coordenar três núcleos em locais completamente distintos, Lauro de Freitas, Brotas e Amaralina. O Núcleo de Extensão Nordeste de Amaralina completou dezenove anos, em 2023. Está localizado no Centro Social Urbano, no beco da cultura, no bairro do Nordeste de Amaralina.

Portanto, será necessário traçar uma linha com a história dos Núcleos de Extensão do CFA e da Escola de Dança da Funceb para compreensão das conexões que me possibilitaram atualizar a minha atuação como coordenador, para manutenção das ações e da participação das pessoas das comunidades nas propostas curriculares. A Escola de Dança da Funceb foi instituída em 1984, emergindo no cenário educacional e artístico brasileiro como a primeira escola técnica pública de Dança do Norte e Nordeste do país, através das professoras Ângela Dantas, Lia Robatto e Lúcia Mascarenhas, e tem como objetivo principal.

Pensar numa educação que tenha o corpo como eixo central de aprendizado foi e ainda é algo novo e desafiador para novas tecnologias educacionais (Brandão, 2014. p. 112).

Atualmente, a escola oferece quatro cursos: O Curso Preparatório; O Curso de Educação Profissional Técnica de Nível Médio em Dança; Os Cursos Livres e Os Núcleos de Extensão, sendo o Curso Preparatório de Dança o primeiro curso da

escola. O Curso de Educação Profissional Técnica de Nível Médio em Dança é reconhecido pelo MEC, tem como objetivo formar pessoas coreógrafas, intérpretes e multiplicadoras. Os Cursos Livres são muito conhecidos pela participação de estudantes de diversas nacionalidades, diversas idades e com múltiplos interesses. Os Núcleos de Extensão ofertam para comunidade cursos de qualificação técnica em Dança e desdobra ações dos quatro cursos ofertados na Sede.

O Núcleo Nordeste de Amaralina foi desenvolvido na gestão de Beth Rangel¹⁸, enquanto estava Consultora do Liceu de Artes e Ofícios da Bahia (entre 1997 e 2004), e diretora da Escola de Dança da Funceb, vinculada à Secretaria de Cultura do Estado da Bahia (entre 2011 e 2014). Através de uma parceria entre SDHJDS (Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social) e a Funceb, ambos órgãos do Estado da Bahia, o Núcleo foi criado e passou a se chamar Núcleo de Extensão Viva Nordeste, mas logo em seguida foi atualizado para Núcleo de Extensão Nordeste de Amaralina, onde são ministrados cursos de qualificação técnica em Dança, com a participação de mais de cem pessoas, por ano, em todo Nordeste de Amaralina e nos bairros vizinhos (Vale das Pedrinhas e Santa Cruz).

Imagem 22 - CARD de divulgação das matrículas no Núcleo Nordeste de Amaralina. Foto: Thiago Rodrigues realizada na Mostra Artística no TCA, em 2019.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

¹⁸ Ana Elisabeth Simões Brandão, Professora Doutora em Educação pela UFBA, Coordenadora do Mestrado Profissional em Dança (PRODAN/UFBA).

Este Núcleo completou dezoito anos em 2022. As relações de implicação, de experiência e de disponibilidade tiveram que ser atualizadas inúmeras vezes para garantir a permanência da dança na comunidade. Faz-se necessário pontuar a atuação das professoras Tânia Caria¹⁹ e Tereza Oliveira²⁰, que fizeram parte da equipe que iniciou as atividades da Escola de Dança da Funceb e da formação de muitas das pessoas professoras e profissionais da Dança que atuam na escola e no cenário cultural educacional no país, assim como em diversos lugares do mundo. Atualmente, essas servidoras atuam como orientadoras pedagógicas para o Núcleo Nordeste de Amaralina (é importante destacar que são as únicas professoras concursadas, estatutárias, da instituição). Diversas pessoas bailarinas que participaram das atividades no Núcleo Nordeste de Amaralina atuam no mercado artístico cultural do município como coreógrafas/os/es e/ou dançarinas/os/es em academias, grupos de dança e com artistas da música na Bahia e no Brasil. São inúmeras histórias e narrações de vidas que se constelam diretamente com este Núcleo. Uma artista, professora e pesquisadora fundamental para esta pesquisa e para compreensão de que existem perfis de profissionais para o trabalho com dança nos Núcleos é Tariana Costa. Professora que compreende e busca campos possíveis para o ensino aprendizagem em dança nos Núcleos com atualizações.

Em 2017 aconteceu a implantação de mais dois Núcleos de Extensão, dessa vez, com o apoio do Balé do Teatro Castro Alves (BTCA), que desejava descentralizar suas ações para outros espaços, para além do Teatro Castro Alves, e alcançar públicos diversos. Contudo, o CFA é o setor responsável pela formação dentro da Funceb e dispõe de profissionais licenciados e com qualificação para realização das ações formativas em dança, teatro e música no Estado da Bahia. Sendo assim, a coordenação pedagógica das atividades desenvolvidas nos Núcleos de Extensão é de responsabilidade do CFA/Escola de Dança da Funceb.

Vale ressaltar que a visão de Beth Rangel para o futuro, lá em 2004, modificou as estruturas da dança na Funceb, no ensino público, nos equipamentos públicos, nas localidades onde estão inseridos os Núcleos e nas vidas das pessoas que são atravessadas. Beth Rangel, no meu ponto de vista, proporcionou uma constelação de

¹⁹ Professora de ballet clássico da FUNCEB/SEC, concursada, atua como orientadora pedagógica do Núcleo de Extensão Nordeste de Amaralina.

²⁰ Professora e Mestra em Dança pela UFBA, professora de danças populares regionais da FUNCEB, concursada, atua como orientadora pedagógica do Núcleo de Extensão Nordeste de Amaralina e professora do Centro Juvenil de Ciência e Cultura da SEC (CJCC).

estrutura de ligação mais profunda e necessária para sobrevivência, de acolhimentos, de encontros, de desdobramentos e de inclusão.

A produção de conhecimento a partir do corpo está em permanente expansão. Suas capacidades sensório-motoras nos possibilitam lidar com desafios, rupturas, descontinuidades e incertezas, ao lado do prazer de criar espaços de participação, compartilhamento e troca, com vistas à inserção pessoal e emancipação social (Brandão, 2014, p. 145).

Sendo assim, surgiram os Núcleos Engenho Velho de Brotas, localizado no Cine Teatro Solar Boa Vista, no bairro do Engenho Velho de Brotas, e o Núcleo Lauro de Freitas, localizado no Cine Teatro Lauro de Freitas, no município de Lauro de Freitas - região metropolitana de Salvador. Ambos os espaços são administrados pela Diretoria de Espaços Culturais (DEC/SecultBA), com coordenação pedagógica e professoras/es do CFA/Escola de Dança da Funceb, e em determinados momentos com professores do Balé do TCA.

O universo das constelações segue por infinitas trocas e lógicas de sentidos que nem sempre nos permitem perceber as atualizações, mas elas nos percebem.

Imagem 23 - Imagem da limpeza de aula do Núcleo Nordeste de Amaralina, após requalificação do espaço em 2018. Foto: Mano



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Apresento a Imagem 23 para evidenciar a minha compreensão e minha atuação sobre o cargo de coordenação. Da esquerda para direita, está Seu Carlos, eu com a vassoura na mão administrando o produto químico aplicado no piso para remover impurezas mais difíceis e Valdirene, lá atrás, adiantando o serviço e

diminuindo a poeira. É necessário e extremamente importante para esta pesquisa pontuar que essas pessoas são importantes para minha atuação como coordenador.

Na época, Seu Carlos estava como funcionário terceirizado da empresa que administrava a equipe de limpeza. Um funcionário que esteve por muitos anos na Escola de Dança, principalmente no Núcleo Nordeste de Amaralina. Além de profissional de inúmeras qualidades, era um educador que acolhia as pessoas das famílias, as pessoas estudantes, as pessoas servidoras e se implicava na confecção de adereços, de elementos cênicos e na manutenção das relações afetivas com suas experiências. Os pontos estratégicos das constelações se fortalecem em coletividade, reforçando os nós e os laços de proteção. Somos uma rede, não um ponto específico.

Por isso, o sujeito da formação não é o sujeito da educação ou da aprendizagem e sim o sujeito da experiência: a experiência é a que forma, a que nos faz como somos, a que transforma o que somos e o que converte em outra coisa (Larrosa, 2019, p. 48).

O tempo foi generoso para o aprendizado sobre as muitas especificidades da gestão pública diante das instâncias que me atravessavam. Enquanto os Núcleos de Lauro de Freitas e do Engenho Velho de Brotas funcionavam e se movimentavam com todas as forças já iniciadas, o Núcleo do Nordeste de Amaralina passava por uma requalificação. Era assim que me sentia, me requalificando juntamente com aquele espaço. Organizando as inúmeras questões e refletindo sobre as peculiaridades de cada Núcleo/localidade. O trabalho mais lindo e mais complexo na ampliação das ações da Escola de Dança da Funceb era perceber que cada localidade necessitava de articulações distintas e existia por trilhas específicas. Para atuar como coordenador nos três Núcleos de Extensão foram necessárias adaptações e aproximação de outras estratégias metodológicas que dialogassem com os desejos das pessoas de cada comunidade, com pessoas professoras de cada Núcleo e com cada espaço para manutenção dessas ações com dança.

Foram realizadas inúmeras articulações com outras escolas públicas da redondeza, com artistas potentes e transgressoras, com familiares implicados em atualizar as realidades e as ações com dança em cada localidade para ultrapassar os pedágios existentes entre becos e vielas que se apresentam no deslocamento até a sala de dança. Constelamos com diretoras, coordenadoras, professoras implicadas e comprometidas com a formação e transformação dentro dos espaços de educação. Constelamos com pessoas que estão focadas nas oportunidades de deslocamento de

perspectiva de futuro para suas filhas e seus filhos. Estamos falando de pessoas que entenderam que na dança e com a dança as suas crianças podem atualizar as suas histórias de vida.

Imagem 24 - Apresentação na Escola Municipal Zulmira Torres, 2019. Foto: Aldren Lincoln



Fonte: Arquivo pessoal do autor

As Famílias constelam fazeres fundamentais para manutenção das experiências formativas nos Núcleos de Extensão. São Famílias barricadas, Famílias Exus, Famílias Procissões, Famílias de Artistas, Famílias de Famílias e Famílias sem Famílias. Nos fazeres formativos sobreviventes nos Núcleos de Extensão, as famílias são os gatilhos, os escudos, os projéteis, as guardiãs e as pessoas incentivadoras de campos possíveis de atualizações das realidades a partir das ações com dança.

Para muitas famílias, ir para o Núcleo de Dança ou entregar sua filha, seu filho para vizinha ou para o vizinho acompanhar é uma despedida e, ao mesmo tempo, uma segurança. Diante de todas as violências existentes nas comunidades a dança é o campo possível do livramento de não precisar ficar em casa. Diante das narrações de violências domésticas é uma luta constante e paradoxal entre coragem e medo, prazer e sofrimento, esperança e desespero. Para alguns familiares, o perigo não está nos tiroteios, nos fogos de artifícios, nos gritos, nas mensagens de aplicativos, nos carros velozes com vidros escuros, nas sirenes dos carros de polícia, no baile funk, no assédio encarnado e escancarado à céu aberto ou nos limites espaciais estabelecidos pelos grupos rivais das comunidades. O choro de preocupação é narrado por inúmeras rezas de proteção para as vidas que estão dentro da própria casa.

As narrações apresentadas por essas pessoas que se deslocam das suas casas até os Núcleos é que elas caminham quilômetros, transpiram quilômetros e

criam quilômetros de expectativas para os cinquenta minutos de aula de Dança. Ainda assim, esses corpos chegam sorridentes, esbaforidos, derretidos, fardados, maquiadas e com enfeites nos cabelos que são cuidadosamente penteados, esticados, trançados, amarrados e doloridos.

As narrações desses corpos são ecos de experiências e atualizações para sobrevivências e para outros ecos formativos possíveis. Reforço, não podemos perder tempo com quem não está coimplicado com as realidades das outras pessoas. Existem muitas histórias de pessoas implicadas nos diversos locais ao redor dos Núcleos: na padaria, na escola comunitária, no terreiro, no batalhão, no Centro Social Urbano, na casa da vizinha, no caminho para aula de dança. Histórias de vidas que se formam e se atualizam e se fortalecem com outras histórias de vidas. São constelações como atualizações de si e de outras pessoas.

Cabe aqui a busca de uma realização formativa mutuamente compreendida. Nesses termos, a formação humana, em qualquer circunstância, é uma experiência muito mais profunda do que imagina a nossa vã consciência racionalizada e seus anseios de controle e transparência completa, na medida em que envolve, também, transferências afetivas intensas e de difícil explicação (Macedo, 2014, p. 67).

Em 2018, realizamos duas atualizações importantes para os Núcleos de Extensão. A primeira grande ação foi a implantação do Núcleo de Extensão no município de Luís Eduardo Magalhães-Ba. O interesse surgiu entre gestores públicos do município, coordenadores de dança e de cultura, juntamente com a Direção Geral da Funceb. Desenvolvemos o projeto de implantação em articulação com as pessoas do município e trabalhamos para realização desta ação tão incrível para a instituição, para a classe da dança, para profissionais do município e para toda população de Luís Eduardo Magalhães. Toda estruturação para implantação foi coletiva e colaborativa. A Escola de Dança da Funceb tem um pilar estrutural com Ballet Clássico, Danças Populares e Danças Afro-brasileiras. Porém, a gestão se preocupava e estava atenta para os movimentos culturais desenvolvidos na localidade e seus desejos de formação e qualificação.

Imagem 25 - CARD de implantação do Núcleo de Extensão LEM, 2018. Designer: ASCOM do município de Luís Eduardo Magalhães. Imagem de Banco de Dados.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

O Núcleo de Extensão Luís Eduardo Magalhães (LEM) surgiu como o primeiro Núcleo fora da região metropolitana de Salvador-Ba com parceria política pública nos níveis estadual e municipal. É resultado de um trabalho coletivo: de um sonho que se sonha junto. O foco era a qualificação de profissionais e das ações desenvolvidas dentro do município. A equipe do CFA foi convidada para desenvolver um plano de ação para implantação do Núcleo. Vale destacar que foi uma ação transgressora sair de Salvador-Ba para o extremo oeste realizar a implantação de um Núcleo de Dança. Até então, os Núcleos eram gerenciados pela própria Funceb, com espaços próximos, mantidos pelo Estado, em Salvador-Ba e em Lauro de Freitas-Ba, com professores concursados por Regime Especial de Direito Administrativo (REDA), e servidoras/es bailarinas/os/es efetivos, do BTCA.

Planejamos, apresentamos o plano de ação com as etapas de implantação e seguimos viagem para uma vistoria técnica com presença da gestão do CFA/Escola de Dança da Funceb no município, nos equipamentos públicos, com profissionais da dança do município e de cidades circunvizinhas. Participaram desta primeira etapa gestores, coordenadores e estudantes de dança e de outras áreas artísticas da região. Realizamos oficinas de formação para formadores com aulas de Ballet Clássico, de

Danças Populares, de Danças Afro-brasileiras e de Dança Contemporânea. Além das ações formativas, realizamos entrevistas em rádios, bate-papos, mostra artística e reuniões com o então prefeito Oziel Oliveira, com coordenadores de espaços de cultura, professores contratados REDA pelo município de LEM e com a sociedade civil.

Imagem 26 - Representantes da Funceb SecultBA e do município de LEM no evento de implantação do Núcleo de Extensão da Escola de Dança da Funceb em LEM (2018).



Fonte: Acervo da Prefeitura de LEM

Diante da primeira etapa de implantação foi possível perceber a dimensão das ações políticas culturais no município e dos desejos e necessidades para sobrevivência das ações e dos atendimentos à comunidade. Apresento uma fala do prefeito Oziel Oliveira sobre esta importante parceria.

Este é um momento histórico para a nossa cidade e eu estou muito feliz em fazer parte desta transformação cultural no segmento da dança em Luís Eduardo Magalhães. Desde o mês de maio, quando realizamos o festival nacional de cinema que já contou com importante apoio da fundação cultural do estado, reforçamos o diálogo iniciado em meados de março com a direção da Funceb em busca deste importante polo em nosso município. Hoje tenho a grande satisfação de apresentar este processo à comunidade luiseduardense, em especial aos agentes culturais do nosso município, após apenas cinco meses de tratativas. A cultura é ferramenta transformadora de grande importância para o cidadão, e é com esta seriedade que encaramos os desafios na busca da ampliação desta ferramenta (Oziel Oliveira, 2018²¹).

Estiveram presentes na composição da mesa do evento, representando a Funceb/SecultBA, o coordenador dos Núcleos de Extensão da Escola de Dança,

²¹ Citação retirada do site <<https://correiodooeste.com.br/prefeitura-de-luis-eduardo-magalhaes-realiza-primeira-etapa-de-implantacao-da-escola-de-musica-da-funceb-no-municipio/>>.

Aldren Lincoln; a coordenadora do Curso Preparatório da Escola de Dança, Rose Bárbara; o vice-diretor da Escola de Dança, Júnior Oliveira e o diretor do Centro de Formação em Artes. Representando o poder público municipal, fizeram parte da mesa a coordenadora de dança do município, Marcela Knupp; o coordenador cultural Shaolin Barreto; a diretora da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, Cleide Bosa e o prefeito municipal Oziel Oliveira.

O Núcleo LEM foi um sucesso. Atendeu mais de 300 pessoas, em três equipamentos culturais do município com aulas de Ballet Clássico, Dança Afro-brasileira, Danças Populares, Dança Contemporânea, Dança de Salão e Ritmos.

Imagem 27 - Mostra Artística do Núcleo Lauro de Freitas-Ba e professores do Núcleo LEM (2018).



Fonte: ?

A segunda etapa aconteceu em Salvador-Ba. Docentes do Núcleo de Extensão de LEM vieram para continuidade das ações formativas na Escola de Dança da Funceb e nos Núcleos de Extensão do Engenho Velho de Brotas, do Nordeste de Amaralina e de Lauro de Freitas-Ba. Para além das aulas de danças, dos encontros pedagógicos com professores/as da Escola e Núcleos, programamos uma visita ao Balé Folclórico da Bahia, aula de Dança Afro-brasileira com Agnaldo Silva e elenco do BTCA na Concha Acústica e participação da Mostra Artística dos Núcleos no Cine Teatro Lauro de Freitas e na Praça Pedro Archanjo, no Pelourinho.

Autorizo-me a dizer que os Núcleos de Extensão atualizam as políticas públicas para dança na Bahia. É atualização das propostas políticas pedagógicas de instituições de ensino/pesquisa/extensão de/em Dança. É atualização de grupos, de

coletivos, de artistas, de familiares e de estudantes da dança. O Núcleo é um espaço de atualização da Dança. O Núcleo de Extensão não é um lugar físico, é uma ideia com muitos sentidos e significados. O Núcleo de Extensão é constelação com o todo que está por perto, que está ao seu redor, que está no seu entorno, que está nas suas proximidades e nos afetos que atualizam e se atualizam com o trabalho cotidiano, profundo e desejoso de sobrevivência.

Agradeço imensamente ao universo constelar pela oportunidade de estar coordenador dos Núcleos de Extensão, de lutar para sobrevivência das atividades e de fazer ecoar suas histórias para outros municípios. Agradeço pela equipe de gestão que esteve envolvida e por todos os tempos e espaços de aprendizado com a criação das etapas de ampliação. A partir desse movimento com o Núcleo LEM muitos municípios compreenderam a potência existente nesta “nucleação”. Fomos convidados por secretários/as de cultura de Mata de São João-Ba, de Cachoeira-Ba, de Itacaré-Ba, de Pojuca-Ba e outras localidades de Salvador-Ba. Infelizmente, chegou a pandemia. Tudo parou. Tudo ficou outro.

Como atender as pessoas que não possuem internet ou dispositivos para acesso? Como continuar com as ações dos Núcleos remotamente? Como desenvolver esta pesquisa presencialmente como fora planejado inicialmente?

Essas foram algumas das questões que atravessaram esta pesquisa, se fizeram abismos e se fortaleceram enquanto discurso de sobrevivência.

Imagem 28 - Aula da professora Tariana Costa no Núcleo Nordeste de Amaralina, Salvador-Ba – 2019 - Foto: Aldren Lincoln.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

5 CONSTELAÇÃO—EXPERIÊNCIA—ATUALIZAÇÃO—SOBREVIVÊNCIA

A experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem "pré-ver" nem "pré-dizer." (Larrosa, 2019).

Imagem 29 - Estudo para Vermelho - performance de Nei Lima, 2022. Foto: Aldren Lincoln



Fonte: Arquivo Pessoal do autor

Neste ponto da pesquisa, compreendemos **Atualização** como conexão entre tempo presente, tempo passado e tempo futuro. Esta associação chega como imagem, como estrutura de roteiro da própria história, como movimento de continuidade, como memórias formativas das histórias de vidas. As curvas, as dobras, os emaranhados existentes entre os percursos das vidas em constantes experiências e por diferentes modos de compreensão que possibilitam novas maneiras de perceber-se no tempo, no espaço, na troca e nas constelações.

Em uma curva perceptiva, Adriana Bittencourt (2012), diz que "**o corpo está ali. É o mesmo mas, o corpo já não é o mesmo.**" Dançar esses movimentos de ligação entre corpos, entre narrações, entre histórias, entre memórias, entre sobrevivências, entre dissidências e entre espaços e significados dos enunciados que estavam ali, mas no atravessamento das narrações, enquanto corpos vivos, enquanto ecos das histórias de vidas que passam, que se formam e que se movimentam por

atualizações desses corpos que continuam ali, os corpos e ecos deixam de ser os mesmos para serem atualizações sobrevivências.

A ideia de atualização que estamos propondo não chega para corrigir o que não era bom ou o que estava errado, nem para efetuar a troca por uma versão melhor ou mais recente. Não estamos propondo o esquecimento do tradicional ou substituição pelo novo. Não somos APP's (aplicativos e softwares), embora seja possível constelar aspectos interessantes da área da informática e tecnologia, mas, conforme já falamos, não estamos interessados em binariedade, em códigos estáticos e tampouco acreditamos em uma lógica de atualização em massa onde todos os corpos acessam uma loja específica de atualização. Cada corpo é único e as atualizações são processos subjetivos e complexos. A percepção e compreensão da atualização é um processo. Pode emergir pelas dores, pelos amores, pelas violências, pelos processos de cura e/ou por outros processos ou não.

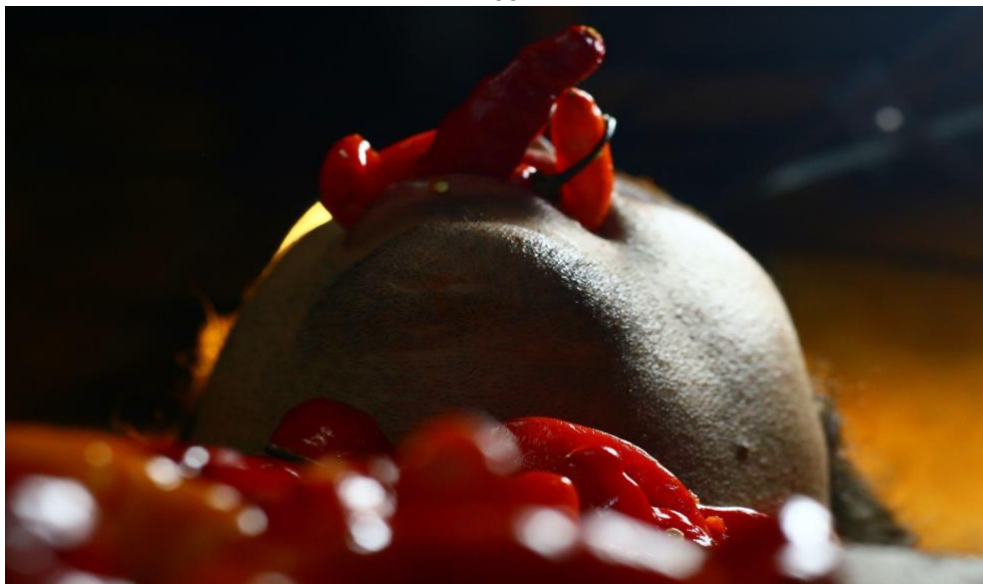
Sou grata às muitas mulheres e homens que ousam criar teoria a partir do lugar da dor e da luta, que expõem corajosamente suas feridas para nos oferecer sua experiência como mestra e guia, como meio para mapear novas jornadas teóricas. O trabalho delas é libertador (hooks, 2017, p. 103).

Existem situações que favorecem a percepção dos sentidos e significados que explicita a necessidade de atualização. Ficou evidente para as pessoas que participaram desta discussão que através das dores e dos fatos invasivos, explosivos, catastróficos e poluídos a visualização por atualização torna-se direta. A necessidade de atualização está conectada com a desatualização. Chegará um determinado momento que não será possível sobreviver sem atualização. Será imposta uma tomada de decisão por atualizar-se ou tornar-se obsoleto/a; sobrevivência epistêmica.

Um corpo não transfere para o outro o que aprendeu, não há depósitos e adiantamentos de informações nos corpos, experiência não se empresta (Bittencourt, 2012, p. 83).

Foi possível compreender durante a pesquisa que as **atualizações** acontecem a partir do compartilhamento das narrações das histórias de vida, num processo subjetivo e coletivo nas configurações das constelações: atualização dos sentidos e significados advindos das experiências coletivas e individuais como estratégia de sobrevivência.

Imagem 30 - Máquina de Moer Pimenta - performance de Nei Lima, 2022. Foto: Aldren Lincoln



Fonte: Arquivo Pessoal do autor

Compreendemos que não existe atualização de si sem outras pessoas envolvidas. Se existem histórias de vidas, processos formativos, danças, naturezas, ambientes, sociedades, culturas, ancestralidades, DNA, não é possível haver atualização sem que haja constelação. Portanto, a compreensão das atualizações é um processo singular, pode ser atemporal, é um processo complexo e profundo.

Não é possível que a partir dos processos de constelação todas as pessoas envolvidas sejam atualizadas no sentido de mudança de hábito cognitivo naquele exato momento, com as mesmas compreensões, com as mesmas definições e conexões. Uma pessoa pode se atualizar no momento da constelação sem sequer perceber que foi atualizada e só dará conta dessa atualização em outras experiências da vida, quando for necessário ecoar suas histórias em relação ao que foi atualizado. Atualizar é estratégia de sobrevivência. “Não é nem o corpo e nem o meio ambiente que garantem a informação, mas no acordo entre eles que se mantém em movimento de atualização.” (Bittencourt, 2012, p. 64).

Existem fluxos de atualizações constantes entre as narrações das histórias de vidas que geram novas estruturas de narrações de si e dos acordos estabelecidos que reorganizam imagens, significados e sentidos para permitir que haja continuidade das negociações a fim de gerar autoatualizações; sentidos sobrevivências. Combinando pontos estratégicos apresentados por Bittencourt, “O corpo carrega informações selecionadas para a sua permanência.” (Bittencourt, 2007, p. 74).

Atualizar é condição transgressora de continuidade/sobrevivência dos corpos: ideias, comportamentos, relações e danças. Todavia, pôr em prática os pontos estratégicos durante os processos artísticos pedagógicos permite com que os corpos ali presentes, implicados e modificados percebam suas atualizações, as atualizações das outras pessoas, como elas ocorreram e quais foram os sentidos geradores das novas estruturas de sobrevivência. É de fundamental importância nos processos artísticos pedagógicos que as pessoas propositoras estimulem, analítica e criticamente, o desenvolvimento de percepções para possíveis interações de significados que foram emergindo e, assim, evidencie as novas conexões transgressoras, as novas configurações como aprendizado, os novos movimentos de atualização sobrevivência.

Os professores que abraçam o desafio da autoatualização serão mais capazes de criar práticas pedagógicas que envolvam os alunos, proporcionando-lhes maneiras de saber que aumentem sua capacidade de viver profunda e plenamente (hooks, 2017, p. 16).

As narrações são estruturas estimulantes de significados para que outros corpos possam se conectar e se coorganizar, seja por imagens já atualizadas de si, seja por memórias de experiências em coletividade, seja por afecções transformadoras do agir como potência e fortalecimento das conexões reverberadas em novos diálogos que estabelecem novas condições para provocação, problematização e expansão dos sentidos. É importante tornar nítido que as combinações não são estruturas que se complementam apenas por semelhanças. As combinações acontecem, também, nos contrastes das histórias, nas divergências dos tempos e dos espaços, na dialética das experiências e das realidades nos limites hierárquicos institucionalizados, pois são fluxos complexos que garantem continuidade e sobrevivência, não apenas fisicamente, mas, sobretudo, subjetivamente.

Se o corpo está sempre mudando, está sempre mudando seu modo de perceber o mundo. Uma percepção que nunca é a mesma está sempre transformando o mundo, que se torna então, o mundo que é capaz de perceber a cada vez, a cada instante dessa simultaneidade das ações envolvidas no fluxo da semiose (Bittencourt, 2012, p. 30).

Inclusive, a partir das experiências constelares durante a pesquisa, identificamos que algumas conexões acontecem para distanciar vidas, desabar estruturas colonizadas e desconectar momentos: atualizações. Algumas pessoas só

fazem sentido na constelação porque existiram encontros de significâncias desastrosas e corrosivas, encontros com toxicidades desestruturantes que possibilitaram, a partir do afastamento, a sobrevivência e as possibilidades de abertura para novas combinações e novas constelações formativas.

Não somente conexões que permanecem juntas durante algum tempo são conexões que fortalecem as estruturas constelares: todas as informações que se apresentam no acontecimento constelar geram modos de organização nos corpos que dançam: corpos que (se) atualizam. É horrível dizer que existem corpos tóxicos que nos atualizam e que foram importantes para nossos processos formativos, mesmo enquanto seres opressores pedagógicos; corpos e danças opressoras que nos garantem a sobrevivência. É horrível se atualizar com/por pessoas violentas.

Entretanto, autorizo-me, ousadamente, a afirmar que atualizar-se e atualizar as suas histórias é uma ação comprida e trabalhosa. É perceber-se envolto de movimentos putrefatos e nocivos com concordâncias colonizadoras agressivas e excludentes dos sonhos próprios e alheios, dos sonhos ainda inexistentes ou natimortos. Sonhos dantescos repletos das afecções mais diversas que se consiga embaralhar. Quero dizer que dá trabalho atualizar-se, pois não são as outras pessoas que precisamos atualizar, somos nós. E olhar para nós como seres que necessitam de atualizações e que nem sempre sairemos borboletas do casulo é dolorido.

Enquanto o processo de atualização depender da transformação de outras pessoas, de outras danças, de outros sistemas complexos e deslocados de si, haverá conforto com a hipocrisia e a negação sobre a necessidade de autoatualização, pois atualização é coletiva, mas não depende da atualização das outras pessoas para que haja atualização de si. A atualização que habita em mim, saúda a atualização que habita em ti.

Nas minhas aulas, não quero que os alunos corram nenhum risco que eu mesma não vou correr, não quero que partilhem nada que eu mesma não partilharia. Quando os professores levam narrativas de sua própria experiência para a discussão em sala de aula, elimina-se a possibilidade de atuarem como inquisidores oniscientes e silenciosos (hooks, 2017, p. 35).

Apresento um trecho da canção que me faz analisar os processos de atualizações das histórias de vidas e dos processos formativos criativos. Mais um presente de Suelma Costa, a música “Me Curar de Mim²²”, de Flaira Ferro²³.

Sou a maldade em crise

*Tendo que reconhecer
As fraquezas de um lado
Que nem todo mundo vê*

*Fiz em mim uma faxina e
Encontrei no meu umbigo
O meu próprio inimigo
Que adocece na rotina*

*Eu quero me curar de mim
Quero me curar de mim
Quero me curar de mim*

*O ser humano é esquisito
Armadilha de si mesmo
Fala de amor bonito
E aponta o erro alheio*

Sem deixar de lado e sem aproximar demais do modo pejorativo empregado no modo "romantismo de ver as coisas" que nos conduzem por projetos utópicos, que nos fazem sonhar e embarcar nos encantamentos e magias de outras pessoas que coadunam e giram na mesma ciranda que nós. Aproximamos as histórias de transformação pessoal para investigar os acordos estabelecidos na constelação. As repetições dos modelos reverberam as mais variadas ações e implicações políticas nos corpos que se movem pela continuidade do coletivo, pela continuidade dos movimentos que fazem as constelações afetivas sobreviverem.

Aqui, aparece algo que se mostra em sua dupla face. Há uma natureza que antecede a existência humana, e essa natureza é criadora e é criada ao mesmo tempo; a natureza humana é capaz de perceber e teorizar acerca do mundo natural que se descortina diante do perceber humano. É o ser humano que já se mostra criador ao perceber-se coprodutor da natureza criada. Ele também é natureza criada. Isso é, o ser humano tem uma natureza própria desenvolvida como organismo vivente. Ser parte de um todo incomensurável: assim se descortina o conhecimento que mira a totalidade (Galeffi. 2014, p. 19).

As relações estabelecidas entre cada pessoa que participou desta pesquisa, com suas histórias e experiências de vida definem os agrupamentos constelares não

²² Música disponível em: <<https://youtu.be/OCdh6BYIPUk>>.

²³ Artista recifense, dançarina, atriz, cantora e compositora.

apenas pelas proximidades ou pelas conexões entre os extremos, mas pelos significados e pelos sentidos que (re)configuram-se nos encontros do acontecimento que é constelar.

Atualização é giro. É fluxo. É conexão. É um desembaraçar de acontecimentos e negociações constantes. Dançar por atualizações promove questionamentos sobre as narrAÇÕES dos corpos, sobre as experiências narradas pelos corpos, sobre os movimentos que constituem as histórias narradas, sobre as realidades, prioridades, privilégios e vantagens, sobre a sobrevivência dos corpos e das danças. Entendendo que essas danças ao mesmo tempo que geram abismos geram cura: essas danças estão vivas.

Aqui chegamos ao ponto de que talvez devêssemos ter partido. O do inacabamento do ser humano. Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é o próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento (Freire, 2011, p. 50).

Viva seguirá esta pesquisa com seus ecos formativos constelados por muitas pessoas e para muitas pessoas. Este pesquisador, artista, educador e gestor público seguirá com seus movimentos de constelações e atualizações em dança, agora, como vice-diretor da Escola de Dança da Funceb. Uma constelação por comprometimento, disponibilidade, reconhecimento e esperança. Estamos diante de outros modos de atualizações possíveis na vida de muitas pessoas com a dança. Estamos porque são muitas pessoas envolvidas e implicadas neste processo. Esta constelação é espaço de quem luta para ser a pessoa que narra a sua própria história de presença no mundo. Histórias e danças que são coletivas.

Que a constelação seja sempre um acontecimento.

6 CONSTELAÇÃO——BIBLIOGRÁFICA

Na criação primordial, há o tempo. A duração marca o ciclo das formações transformadoras. Processos nascem de processos, coisas nascem de coisas, mundos florescem de outros mundos. Tudo é formação em transformação em ritmos variados, em formatos distintos. [...] todas as formações estão submetidas à transformatividade incontornável (Galeffi. 2014, p. 16).

Imagem 31 - Aula de Balé Clássico no Núcleo Nordeste de Amaralina com crianças entre 7 e 9 anos de idade. Foto: Aldren Lincoln



Fonte: Arquivo Pessoal do autor

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Trad. de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ASMANN, Hugo. **Reencantar a**: rumo à sociedade aprendente. Ed, Petrópolis RJ, Vozes Editora, 2007.
- ASSIS, Thiago Santos. **Professoralidade em Dança no contexto universitário**: Tessitura de uma Rede de Experiências. 171 f.: il. Tese (Doutorado - Artes Cênicas). Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. Salvador, 2018.
- BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa, In: BARTHES, R. et al. **Análise estrutural da narrativa**. Trad. Maria Zélia Barbosa Pinto. 7a. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; 2011, p. 19.
- BHABHA, Homi, K. **Novas ordens, novas teorias?** O local da cultura. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 1998.
- BITTENCOURT, Adriana. **Imagens como acontecimentos**: dispositivos do corpo, dispositivos da dança. Salvador: EDUFBA, 2012. 93 p. (Coleção Pesquisa em Artes).
- BITTENCOURT, Adriana. **A Natureza da Permanência**: processos comunicativos complexos e a dança. 2001. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.
- BRANDÃO, Ana Elisabeth Simões. **A arte como tecnologia educacional**. Tese de Doutorado (Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia. 2014.
- BRITTO, Fabiana Dutra. Corpo, dança e ambiente: configurações recíprocas. In: **Anais do II Encontro Científico da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança** (ANDA), 2011, Porto Alegre. Disponível em: <<https://proceedings.science/anda/anda-2011/trabalhos/corpo-danca-e-ambiente-configuracoes-reciprocas?lang=pt-br>>.
- DAMÁSIO, Antônio. **O mistério da consciência**: do corpo e das emoções ao conhecimento de si. Tradução: Laura Teixeira Motta; revisão técnica Luis Henrique Martins Castro. - São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- DAMÁSIO, Antônio R. **E o Cérebro Criou o Homem**. Tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo-projeto. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

FERNANDES, Ciane. Em busca da escrita com dança: algumas abordagens metodológicas de pesquisa com prática artística. **Dança**, Salvador, v. 2, n. 2, p. 18-36, jul./dez. 2013. Salvador, 2013.

FERNANDES, Ciane. **Pina Bausch e o Wuppertal dança-teatro: repetição e transformação**. São Paulo: Annablume, 2017, 3 edição.

GREINER, Christine. **O corpo: Pistas para estudos indisciplinados**. - São Paulo. Annablume, 2013.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

FREIRE, Paulo. 1921-1997. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Notas: Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. 1921-1997. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. 1921-1997. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. re. e atual. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GALEFFI, Dante. **Criação e devir na formação: mais-vida na educação**, Joaquim Gonçalves Barbosa. Salvador: EDUFBA. 2014

JOSSO, Marie-Christine. O caminhar para si: uma perspectiva de formação de adultos e de professores. Entrevistadora: Margaréte May Berkenbrock-Rosito. **Revista@ mbienteeducação**, São Paulo, v. 2, n.2, p. 136-139, ago./dez. 2009. Disponível em: <https://arquivos.cruzeirosuleducacional.edu.br/principal/old/revista_educacao/pdf/volume_2_2/11_josso.pdf>.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo.: Cortez, 2004.

KATZ, Helena Tania. A Natureza Cultural do Corpo. In: **Revista Fronteiras**, vol. III, nº 2, p. 65-75. 2001.

KATZ, Helena Tania. **Um, Dois, Três. A Dança é o pensamento do corpo**. Belo Horizonte. Fórum Internacional de Dança (FID), 2005.

LOUPPE, Laurence. **Poética da Dança Contemporânea**. Tradução de Rute Costa. Lisboa: Orfeu Negro, 2012.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Atos de currículo e autonomia pedagógica: o socioconstrucionismo curricular em perspectiva**. Roberto Sidnei Macedo. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Pesquisar a experiência compreender/mediar saberes experienciais**. 1. ed. Curitiba, PR: CRV, 2015.

NASCIMENTO, Cláudio Orlando Costa; JESUS, Rita de Cássia Dias Pereira. **Currículo e Formação:** diversidade e educação das relações étnico-raciais. Curitiba: Progressiva, 2010, 338p.

PEDROSA, Leyberson. **Fique por dentro dos mitos e usos das constelações indígenas.** Portal Empresa Brasil de Comunicação (EBC). Tecnologia. Edição: Amanda Ciegliniski. Criado em 24 fev. 2016, 19h00 e atualizado em 25 fev. 2016, 14h50. Disponível em: <<https://memoria.ebc.com.br/tecnologia/2016/02/constelacoes-indigenas-mitos-e-astronomia>>.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. **Educação e Pesquisa** [online], v. 32, n. 2, p. 329-343, 2006. ISSN 1517- 9702.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 78, out. 2007. p. 3-46.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca; MATOS, Edilene; SEGOLIN, Fernando. (orgs.). **Cinema e literatura:** narrativas e poéticas. EDUFBA, 2014, 978-85-232-1208-7. (hal-01755181).

SETENTA, Jussara Sobreira. **O fazer-dizer do corpo:** dança e performatividade. Salvador: EDUFBA, 2008. 124 p.

SILVA, Eduardo Soares Neves **Filosofia e arte em Theodor W. Adorno:** a categoria de constelação. 2006.

SILVA JUNIOR, Ireno Gomes. **Vulnerabilidade:** um jeito de fazer dança. 102 f.: il. Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Dança). Universidade Federal da Bahia, Escola de Dança. Salvador, 2019.

SOUZA, Elizeu Clementino. **Histórias de vida e formação de professores.** Rio de Janeiro: Revista Salto para o Futuro. TVEscola SEED/MEC: ISSN.1982-0283, 2007.

SCHWAB, Isabela. **A experiência como discurso do corpo:** a dança tecendo caminhos. 2016.

ROCHA, Lucas Valentim. **Processos compartilhados em dança:** experiências de criação e aprendizagem. 123 f.: il. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Bahia, Escola de Dança. Salvador, 2014.

ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. Reelaboração de artigo publicado no caderno "Mais!" da Folha de São Paulo. São Paulo, 19 maio. 1996. In: LINS, Daniel (org.). **Cadernos de Subjetividade.** Campinas: Papius, 1997. p. 19-24. Disponível em: <<https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Toxicoidentid.pdf>>.

TRIDAPALLI, Gladistoni dos Santos. **Aprender investigando:** a educação em dança é criação compartilhada. 2008. 96 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Bahia, Escola de Dança. Salvador, 2009.

VELLOSO, R. Pensar por constelações. In: JACQUES, P.B., and PEREIRA, M.S., comps. **Nebulosas do pensamento urbanístico**: tomo I – modos de pensar [online]. Salvador: EDUFBA, 2018, p. 98-121.